

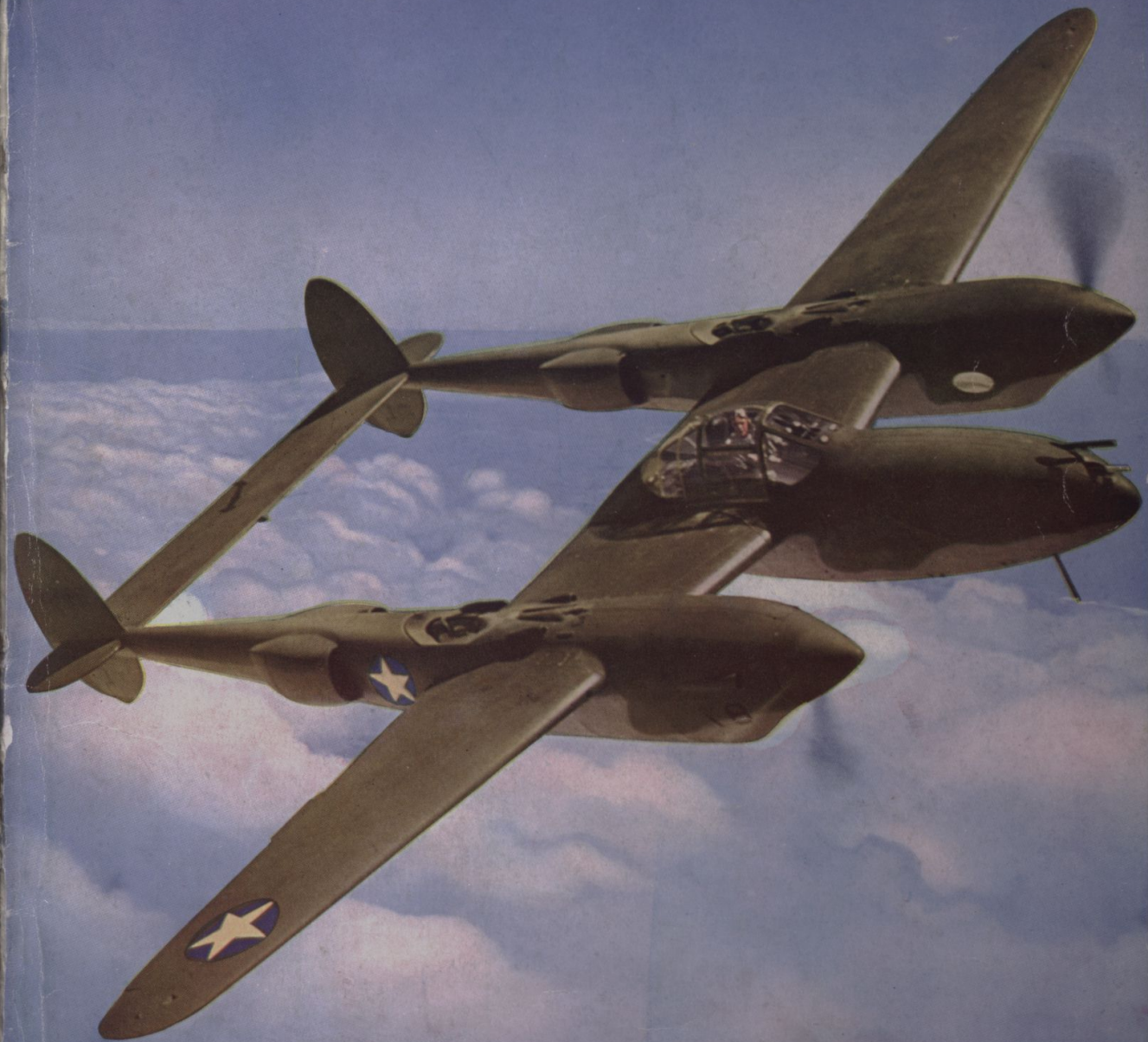
EM GUARDA

ANO 2

Para a defesa das Américas

N. 3

O NOVO AVIÃO DE COMBATE P-38, DE GRANDE AUTONOMIA DE VÔO E GRANDE PODER OFENSIVO





GENERAL EISENHOWER

A GRANDE ESTRATÉGIA

A VULNERABILIDADE DO INIMIGO EM TÔDAS AS FRENTE

JÁ está mais do que comprovada pela grande estratégia dos altos comandos das Nações Unidas, a vulnerabilidade do inimigo totalitário. Os exercitos do Eixo na Europa encontram-se sitiados. O poder naval do Japão que é o seu elemento vital, está se exaurindo na contínua luta do sul do Pacífico. E o mundo livre acompanha, com o mais vívido interesse, o impressionante desenrolar do ataque que em tôdas as frentes de batalha, levam a efeito as nações aliadas cujo potencial militar e industrial cresce cada vez mais.

Para completar essa estratégia de aspecto mundial, estão sendo preparados contra o Eixo novos e formidáveis golpes que se farão sentir em tôda a sua perfeita coordenação mortífera.

Os altos comandos aliados reconhecem que a luta será longa e árdua, e que haverá ainda muitas decepções a enfrentar. Mas o inimigo terá para combatê-lo forças de proporções verdadeiramente gigantes.

A ocupação do norte da África, que deu início à ofensiva das Nações Unidas no teatro da guerra do Mediterrâneo, trouxe a Hitler a premência da solução imediata de graves problemas econômicos e militares. O Fuehrer, desde então, teve de dispersar o seu poder aéreo e os seus efetivos militares por outras áreas da Europa, a-fim de fazer frente a novos perigos. Esta circunstância criou ainda maiores dificuldades à organização industrial nazista e aos seus serviços de transporte neste crítico

momento. Porque, a oeste, Hitler tem que defender uma costa estratégica de 3.000 quilômetros, que se estende desde o Cabo Norte até os Pirineus, constantemente alerta contra o ataque iminente das Nações Unidas. A este, enfrenta ele o valoroso exército russo que, em 18 meses de guerra, tem exgotado as melhores divisões nazistas, e que poderá repentina e furiosamente contra-atacar em qualquer ponto de uma vasta frente de 3.000 quilômetros. Ao sul, tem agora o líder nazista de se preocupar com o ataque de crescentes forças aliadas, que se certificam dos pontos fracos ao longo dos 6.000 quilômetros da costa exposta da Europa no Mediterrâneo. O golpe pode recair sobre as tropas do Eixo na Itália farta de guerra, na Grécia faminta e rebelde, na Jugoslávia infastada pelos guerrilheiros, ou finalmente na alquebrada França.

Goering, que havia tido antes o fantástico propósito de subjugar o mundo com a maior força aérea de todos os tempos, está atualmente a braços com uma missão diferente. Vê-se ele compelido a espalhar seus aviões ao redor da Europa hitleriana, como defesa anti-aérea contra os raids que poderão ocorrer subitamente, e procedentes de qualquer ponto, levados a efeito pelas nações que hoje estão na dianteira do Eixo, em produção de aeroplanos. Goering, que pouco antes tinha de defender o continente apenas contra os ataques de aviões com bases situadas na Inglaterra, está neste momento forçado a reunir novas esquadrilhas aéreas

no sul, para fazer frente à poderosa aviação das Nações Unidas, ora com sólidas bases nos aeródromos ao longo da costa setentrional da África. E qualquer fraqueza por parte da aviação alemã na frente oriental, talvez venha facilitar a presença dos bombardeiros russos, em grande número, sobre os baluartes nazistas na Polônia, na Prússia e na Ucrânia.

No território europeu, os alemães terão de atender ao inevitável problema dos transportes. O bloqueio aéreo e marítimo, mantido pelas forças aliadas, veio cortar as vias de comunicações no Mediterrâneo e no Atlântico, por onde, anteriormente, era feito grande parte do tráfego destinado ao interior da Europa. As estradas de ferro no oeste estão sob constante ataque aéreo. No teatro russo da guerra, os alemães têm de conservar em movimento um sistema ferro-viário cuja extensão é equivalente à rede ferro-viária da Inglaterra e da Escócia.

E para complicar mais ainda os seus problemas, Hitler enfrenta uma grave crise de efetivos militares. Neste outono, tentou ele em vão alcançar resultados decisivos em várias frentes. Os russos, entretanto, o embaraçaram no Volga, e a ofensiva aliada no norte da África forçou-o a deslocar divisões inteiras do seu exército no ocidente. Além disso, o consumo de munições das suas tropas estava sendo tão elevado, que ele, muito breve, ou terá de se desfalar de soldados, ou mandá-los

O desembarque de reforços em Mers-El-Kebir, na costa africana. As tropas marcham ao longo do cais. Ao fundo, vêem-se os vários transportes de guerra



EM GUARDA é publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 W. 42nd Street, Nova York. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia. Classificada como impresso de segunda classe no Correio de Filadélfia, Pensilvânia, E.U.A., a 8 de Abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de Março de 1879. Ano 2, N. 3.



O desembarque do equipamento pesado. Note-se o carro blindado, de reconhecimento, modelo anfíbio, à esquerda, que corre às águas em direção à praia

O Exército de Ocupação dos Estados Unidos é aclamado pelo povo de Oran, por ocasião da sua entrada na cidade. Nessa como noutras cidades norte-africanas, franceses e naturais mostraram-se entusiasmados com os acontecimentos. As primeiras tropas a desembarcar fizeram-se acompanhar de completo equipamento bélico necessário à expedição



(continuação)

trabalhar na indústria de guerra, a fim de refazer seus estoques de armas, ou terá que se contentar em ficar na defensiva.

O problema dos efetivos militares é tão velho quanto a própria guerra. Em várias ocasiões, durante a primeira conflagração mundial, os Aliados e os Impérios Centrais viram-se compelidos, em face de iminente escassez de munições, a mandar seus soldados trabalhar nas indústrias bélicas. Somente em 1918 puderam os Aliados dispôr de quantidades suficientes de armas e munições, para consumi-las sem restrições.

Quando se iniciou agora a campanha no norte da África, a Alemanha e seus salélites na Europa dispunham de 500 divisões em armas. Tropas em número assim, tão vultuosas, só podem ser mantidas em armas no caso de uma vitória rápida, em alguns dos teatros da guerra. A capacidade industrial alemã ficou seriamente reduzida com a incorporação de sete milhões de homens no exército, desde 1939. Os abastecimentos produzidos antes da guerra, e os que foram tomados aos países conquistados, ficaram consideravelmente desfalcados pelas perdas colossais sofridas na campanha contra a Rússia. Se Hitler não conseguir, à força, nos países conquistados, a mão de obra para as fábricas alemãs, possivelmente ele terá que se desfazer de algumas divisões do exército. Esta é a única maneira de aproveitar seus soldados não somente na indústria bélica, como nos serviços de transportes para manter ininterrupto o abastecimento das suas linhas de frente. A exausta máquina de guerra nazista está agora face a face com as forças das Nações Unidas, que podem contar com grandes reservas para serem lançadas no campo da luta. Nos Estados Unidos, 4.000.000 de homens estão preparados, prontos para embarcar, e outros milhões mais estão concluindo a sua preparação militar. Uma poderosa indústria de construção naval está lançando ao mar três navios por dia, para atender ao transporte das tropas e do seu complexo equipamento.

A expedição à África demonstrou ao mundo que as Nações Unidas estão em condições de realizar operações militares em escala sem precedentes. E essa expedição servirá de modelo para ainda maiores ofensivas, ora em cuidadosa preparação.

E, enquanto a iniciativa das Nações Unidas vá causando sérias preocupações nos redutos do Eixo, milhões de almas nos países ocupados e dominados pela tirania nazista vêem raiar a esperança de uma libertação digna de todos os sacrifícios.

O general Eisenhower esmerou-se em preparar suas tropas para a expedição africana. Fê-las submeterem-se aos rigores táticos de tais operações, por meio de manobras de desembarque, e reuniu nos Estados Unidos e outros pontos estratégicos de além-mar, enormes quantidades de material bélico e abastecimentos necessários ao ataque inicial.

Da expedição constava material de todo tipo e feito, desde os de dimensões mais insignificantes, até pontes, máquinas para construção de estradas de rodagem, locomotivas, máquinas para perfuração de poços, milhares de auto-caminhões e peças de artilharia de grosso calibre. Enquanto se acumulava todo esse material nos pontos de embarque, os assistentes navais do general Eisenhower reuniam os 350 navios de guerra e 500 transportes de tropas e abastecimentos necessários à condução das forças até a costa africana.

Muitos dos navios que compuzeram essa frota — a maior que já se empenhou em tal operação — saíram diretamente dos estaleiros, enquanto que muitos outros foram retirados das rotas que ligam as Américas, assim como do comércio de cabotagem dos Estados Unidos e também das vias de abastecimentos à Inglaterra. Fazia-se necessário dispôr de sete toneladas de navio para cada soldado e seus respectivo equipamento. Em portos distantes,



Serviços religiosos realizados a bordo de um transporte, no dia anterior ao desembarque na África do norte. Em baixo: Membros da Comissão Italo-alemã do Armistício, encarregada dos espólios coloniais, em Marrocos, capturados durante um assalto de surpresa em Casablanca, e que foram internados num campo de concentração próximo. Através da Comissão do Armistício, a África Francesa estava sendo despejada de 80 por cento da sua produção





O povo de uma cidade algeriana observa, num misto de curiosidade e satisfação, a chegada de tropas norte-americanas de ocupação. Note-se as bandeiras de identificação nos capacetes. Estas tropas fazem parte de um dos primeiros "Regimentos Técnicos" que desembarcaram, com o fim de estabelecer vários serviços necessários

(continuação)

uma tonelada e meia por mês tinham de ser reservadas para cada soldado, para mantê-lo na frente de combate, sendo assim, a expedição, um feito digno do seu objetivo.

Os navios foram carregados de maneira que as tropas pudessem desembarcar prontas para entrarem em ação. Para garantir o segredo, organizou-se um complicado sistema de endereços falsos. Os estivadores em portos ingleses embarcaram milhares de caixões, aparentemente destinados a outros portos ingleses, mas que, na verdade, destinavam-se à Algeria ou a Marrocos.

Os navios convergiram nos pontos de desembarque, procedentes de dezenas de portos, alguns nos Estados Unidos, outros na Inglaterra.

O bloqueio submarino do Eixo foi completamente inútil contra a grande frota expedicionária. Quando as tropas desembarcaram no norte da África, o Eixo e o mundo inteiro ficaram sabendo que as Nações Unidas dispunham de poder naval necessário para controlar os mares a fim de levar a efeito tão grandiosa movimentação de tropas.

Para os comandantes nazistas ao longo da costa do oeste da Europa, esse fato causou tremendas preocupações. As Nações Unidas tinham prevenido que estavam preparando uma invasão da Europa, e a expedição africana foi demonstração bastante de que os recursos necessários estavam ao alcance dos aliados.

Tanto em Berlim como em Tóquio, essa grande demonstração de força e iniciativa das Nações Unidas foi causar extraordinárias inquietações. É um fato que se reflete não somente nas frentes de batalha da Europa, como também em todas as demais.

Após acidentada aterrissagem numa praia de Safi, um avião norte-americano é rebocado para ser submetido a concertos. O fato desperta a curiosidade da população local. Nessa, como em várias outras praias do litoral africano ocupado pelas forças norte-americanas, o povo afluía em massa, depois de haver cessado a resistência armada



Para o almirante Halsey, na guerra não há regras nem tradições. "Fazer o inesperado e rapidamente"—é a sua norma invariável, conforme deu provas no Pacífico

“MATAR japoneses, matar japoneses, matar mais japoneses! Afundar navios, afundar navios, afundar mais navios!”

Estas são as palavras que constituem o grito de guerra do almirante William Halsey, comandante da esquadra dos Estados Unidos no sudoeste do Pacífico. Oficiais e marinheiros da sua força naval, da qual constam lanchas-torpedeiras, destroyers, cruzadores e couraçados, fizeram-se ouvir nesse grito de guerra quando, em Novembro, derrotaram a frota japonesa em águas das Ilhas Salomão.

O intrépido marinheiro concluiu o curso da Escola Naval de Anápolis em 1904, e desde cedo, como oficial, se impôs pelas suas extraordinárias qualidades de comando. Em 1911, como comandante de um destroyer, firmou ele a sua preferência por essa classe de navios, valiosíssimos pela sua manobrabilidade, presteza e utilidade tática. E desde então

HALSEY

INIMIGO DE MORTE DOS JAPONESES

costumava o jovem comandante exercitar-se durante as manobras da esquadra. Penetrava com o seu destroyer por entre os navios da frota, em plena escuridão da noite, como que a se preparar para as surpresas que hoje são o pavor dos japoneses nas águas do Pacífico. Como oficial de marinha, Halsey tem sempre se mantido familiarizado com os progressos do poder ofensivo naval. Em 1934, ele percebeu as grandes possibilidades da aviação da marinha. O elemento característico do avião— a

velocidade, despertou-lhe um especial interesse; convenceu-se de que os aviões se tornariam os destroyers do ar. Dedicou-se à arma aérea, e aos 51 anos de idade concluiu o curso de piloto-aviador, juntamente com uma turma de jovens tenentes. Hoje, aos 60 anos, é piloto o seu próprio avião e tem o mais profundo respeito pelo papel que o porta-aviões desempenha no domínio dos mares.

Agora, nas vastas águas do Pacífico, o almirante Halsey tem repetidamente derrotado os japoneses no momento preciso em que eles contavam com uma vitória certa. Foi Halsey quem lhes proporcionou essa decepção nas Ilhas Marshall, Gilbert, Wake e Marcus.

E em Guadalcanal, desde que assumiu o comando da esquadra nesse setor do Pacífico, a sua tática tem sido o desespero de um inimigo a quem Halsey não dá tréguas. “Matar japoneses” é o seu lema.



A GUERRA NO PACÍFICO

EM menos de um ano de esforço conjugado, as Nações Unidas tornaram-se poderosas bastante para atacar em dois oceanos — lutar contra dois inimigos formidáveis. Mesmo enquanto prosseguia a campanha no norte da África, as forças dos Estados Unidos derrotavam uma expedição japonesa, no maior encontro naval desta guerra.

A batalha começou pouco depois de meia noite de 13 de Novembro, quando os japoneses se preparavam para bombardear as posições norte-americanas na Ilha de Guadalcanal, no Arquipélago Salomão. Dois dias depois, a esquadra inimiga batia em retirada, tendo perdido pelo menos 28 navios, afundados ou destruídos — dois couraçados, oito cruzadores, seis destroyers e doze transportes. Os Estados Unidos perderam dois cruzadores e seis

destroyers. A batalha teve sua maior intensidade durante a primeira noite. Formada em três grupos, cada um em linha, a força japonesa avançou contra Guadalcanal. Os navios norte-americanos interceptaram os japoneses, meteram-se entre suas linhas e, a pouca distância, fizeram fogo.

O audacioso e inesperado ataque, embora feito com forças inferiores em número, causou tal confusão aos japoneses que, antes de terminar a luta, duas das suas linhas já estavam se guerreando mutuamente. E pouco depois o inimigo batia em completa retirada.

À frente das unidades navais dos Estados Unidos, achava-se o cruzador "San Francisco". Com seus canhões despejando fogo, o cruzador meteu-se dentro da formação inimiga, atacou três de seus

Tropas americanas saltando de uma barçaça num pa

navios e pôs um a pique. À queima roupa, o "San Francisco" fez calar as baterias pesadas de um couraçado. Dois almirantes bastante conhecidos, um dos quais era amigo pessoal do Presidente Roosevelt, foram mortos a bordo de seus navios, durante a batalha.

No correr do dia 13 de Novembro, os aviões dos Estados Unidos levaram a efeito contínuos ataques contra as unidades japonesas avariadas e que ainda permaneciam nas imediações. Os aviões de observação anunciaram a aproximação de uma outra grande força inimiga, composta pelo menos de 12 transportes, sob poderosa escolta de navios de guerra.

Na segunda noite, a força norte-americana, da qual também constavam couraçados, atacou e pôs a pique quatro navios inimigos de grande tonelagem e danificou vários outros. Na manhã seguinte, quando a força inimiga se aproximava de Guadalcanal, foi vigorosamente atacada pelas forças aéreas dos Estados Unidos. Oito transportes, pelo menos, foram afundados. Quatro outros, encontrados mais



da Nova Caledônia, para reforçar forças francesas livres da guarnição desta importante base no sul do Pacífico. Note-se a bandeira francesa numa das lanchas-motores

tarde encalhados na Ilha de Guadalcanal, foram destruídos pelo fogo dos aviões e das unidades da esquadra norte-americana. Calcula-se ter sido de 20 a 40.000 o número de soldados japoneses mortos por ocasião do afundamento dos 12 transportes. Sob o intenso bombardeio aéreo e o fogo das baterias de bordo da esquadra dos Estados Unidos, a força expedicionária japonesa desistiu do seu intento e pôs-se em fuga em direção às suas bases situadas ao norte.

O efeito imediato dessa batalha foi melhorar a situação dos defensores de Guadalcanal. A guerra marítima representa, inquestionavelmente, sérios perigos para o Japão. Este último encontro veio elevar a mais de 360 o total de navios japoneses de todos os tipos, afundados no Pacífico, desde o rompimento das hostilidades, ao passo que os Estados Unidos perderam apenas 85 navios, nesse teatro da guerra.

Os estaleiros norte-americanos estão mais do que compensando as perdas dos aliados, e a guerra está custando vultuosas perdas de navios aos japoneses

que, em matéria de construção naval, dispõem de limitada capacidade. O Japão ficou consideravelmente desfalcado em quatro importantes categorias de navios de guerra, com o afundamento de seis porta-aviões, 29 cruzadores, 46 destroyers e 23 submarinos. No recente encontro em águas das Ilhas Salomão, os couraçados desempenharam papel importante, e o almirante Nimitz, comandante da esquadra do Pacífico, declarou que era perfeitamente justificada a confiança que os couraçados inspiravam à marinha. A aviação e os submarinos também causaram grandes perdas às forças japonesas. A superioridade aérea aliada contribuiu muito para repelir os tremendos ataques navais do inimigo. E a ação dos submarinos norte-americanos à entrada dos portos japoneses forçou a marinha mercante nipônica a recorrer ao sistema de comboio. Acredita-se que nestes dez meses de guerra, os navios japoneses afundados pelos submarinos norte-americanos já atingem um total de 750.000 toneladas, perdas que constituem um tremendo problema. A oeste da área das Ilhas Salomão, os aliados

reforçaram a sua posição na zona de Porto Moresby, na Nova Guiné. As tropas australianas forçaram o inimigo a recuar para os montes de Owen Stanley, diminuindo assim a ameaça contra Porto Moresby.

Na vasta área das Índias Ocidentais, a máquina militar de Tóquio estava tentando impôr uma "Nova Ordem" já alheia aos demais comparsas do Eixo, os alemães e os italianos. O professor Komaki, da Universidade Imperial de Tóquio, e também um dos proeminentes geógrafos do Japão, assim explicou em discurso transmitido pelo rádio, e aprovado pelo governo, o ponto de vista nipônico, a respeito do mundo:

"A América é um território a este da Ásia. Até a Europa reconhece a Austrália como parte da Ásia. A África também é parte da Ásia. Podemos também considerar a Europa como parte da Ásia. O Oceano Pacífico é parte da Ásia. Não há sete mares, mas apenas um, e esse é o que banha o Japão, onde o sol está nascendo. Todos os oceanos devem ser considerados como um grande mar japonês." Mas, com importantes unidades da sua esquadra atual-



O constante ataque de submarinos dos Estados Unidos contra as linhas japonesas de abastecimentos vái gradativamente enfraquecendo o poder naval do inimigo

(continuação)

mente no fundo do Oceano Pacífico, os esforços dos japoneses para levar a efeito esse formidável plano de dominação mundial já começam a se desfazer como um castelo de cartas. O radiante sol nipônico não está mais nascendo. No conjunto da guerra na Ásia, o Japão está sendo gradativamente forçado à guerra defensiva, como única solução para proteger suas longas linhas de comunicações marítimas e as numerosas ilhas conquistadas. Estas, como pontos de apoio para a expansão niponesa na imensa área do Pacífico, têm absorvido quantidades incalculáveis de recursos bélicos, tropas e materiais indispensáveis para sustentar posições estratégicas em tão grande órbita de ação.

As Nações Unidas reconhecem que estão enfrentando um inimigo desesperado, o qual valendo-se das vantagens alcançadas inicialmente, mais como produto do ataque de surpresa que visava uma dominação a todo custo, não desanima em seu propósito de romper a resistência aérea e naval aliada que avulta dia a dia.

Desde Maio que os japoneses estão verdadeiramente paralizados no seu avanço, tendo fracassado na tentativa de invasão da Austrália, em virtude da formidável vitória aliada na batalha do Mar de Coral. Suas outras tentativas, contra Midway e contra as Aleutas, lhes custaram grandes perdas em navios, aviões e efetivos, com o afundamento de numerosos transportes.

Guadalcanal tornou-se agora uma rocha em que estão os almirantes japoneses desbatarando as vantagens que alcançaram nas águas asiáticas. Forçados a arriscar seus melhores elementos para realizarem um golpe decisivo nesse setor da guerra, os japoneses aí têm tido as suas maiores decepções. Suas perdas acumulam-se desastrosamente.

Enquanto isso, os Estados Unidos entram francamente no período de prodigiosa realização de seus planos de construção naval, e reduzem consideravelmente o tempo necessário para o acabamento de unidades de todos os tipos da sua crescente esquadra. Esses são os fatos que Tóquio não pode alterar e que, em devido tempo, serão um dos fatores do eclipse total do "sol nascente".



Um navio de guerra norte-americano levanta uma cortina de fogo com canhões de 5 polegadas e de 20 mm. em redor de um comboio, defendendo-o contra a investida de bombardeiros japoneses



Um navio-cargueiro aliado deixa um rastro sinuoso, ao evadir-se dos bombardeiros japoneses. No horizonte, vários aviões inimigos abatidos são presas das chamas



MÁQUINAS DE GUERRA

COLUNAS de tanques como esta, constituem a extrema vanguarda do grande exército que os Estados Unidos estão preparando, equipando e fazendo entrar em ação em grande escala no norte da África. Dispõem de potencial bastante para vencer obstáculos e de velocidade para atacar a fundo em território inimigo, além de serem armadas com canhões de calibre suficiente para destruir obras de defesa, conforme ficou demonstrado pelas forças britânicas no desbaratamento dos exércitos do Eixo no

Egito e na Líbia. A guarnição dos tanques é especialmente escolhida dentre o que há de melhor num exército cujo efetivo já atinge a cinco milhões de homens. E os tanques norte-americanos têm sido postos à prova não somente nas frentes de batalha na África como também na Rússia. Referindo-se a essa prova, o general Levin H. Campbell, diretor do Material Bélico, declarou: "Nossos tanques são superiores a qualquer tanque inimigo. Dispõem de melhor armamento, maior resistência e velocidade."



"Vimos para repellar convosco os invasores que tentam abolir o vosso direito de vos governardes, a vossa liberdade religiosa e o direito de viverdes em paz e segurança."—Presidente Franklin D. Roosevelt, em mensagem dirigida aos franceses

As Américas APLAUDEM

O FATO de iniciarem os Estados Unidos, com rapidez e precisão a sua campanha militar no norte da África, provocou franco aplauso do público e dos governos das nações americanas. Reconheceram assim esse audacioso e decisivo golpe como notável contribuição à segurança do hemisfério americano e como prova de que as Nações Unidas estavam preparadas para tomar a iniciativa e prosseguir na ofensiva até a vitória final.

Presidentes, ministros do Exterior e figuras de destaque no mundo oficial e na vida pública das repúblicas americanas, externaram imediatamente a sua opinião, aprovando o ato dos Estados Unidos.

Em mensagens dirigidas ao Presidente Roosevelt e ao Secretário de Estado Cordell Hull, assim como em discursos e na imprensa das Américas verificaram-se expressivas garantias de apoio e compreensão dos objetivos que motivaram o desembarque de tropas em território francês e a sua ocupação.

Os governos e os povos do Novo Mundo, que tradicionalmente têm estado intimamente ligados à cultura e ao espírito da França, viram nessa campanha o raio de um grande movimento de libertação que há-de, necessariamente, pôr termo ao jugo dos bárbaros sobre o povo da França e de outras nações européias.

A operação militar—planejada e executada com cuidado e precisão—foi apreciada nas Américas como um modelo do espírito de ofensiva que inspira os altos comandos das Nações Unidas.

A importância estratégica da ocupação no norte da África e o seu emprêgo em benefício das Nações Unidas, como um ponto de apoio para a avançada sobre o continente europeu, foram perfeitamente reconhecidas em todo o hemisfério.

Admitia-se em toda parte que, enquanto perdurase sob o domínio das forças agressoras do Eixo qualquer parte do continente africano, este fato constituía uma ameaça para as Américas.

Evitar a expansão do controle das forças do Eixo na África e expulsá-las de uma vez desse continente, eram medidas declaradamente consideradas indispensáveis à segurança das Américas. Houve, portanto, satisfação geral por terem os Estados Unidos agido dessa maneira.



Jorge Ubico, da Guatemala: A ação das armas dos Estados Unidos é de suma importância neste momento do conflito, e há-de merecer o apoio não somente de todos os povos como também dos governos da América



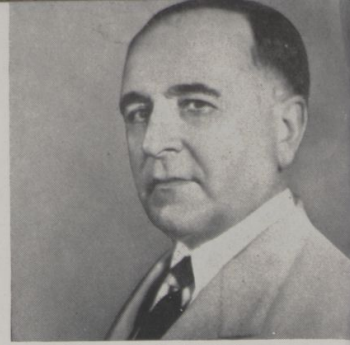
Isaías Medina Angarita, da Venezuela: O governo venezuelano está amplamente convencido de que a ação é indispensável para a urgente defesa das democracias aliadas contra as ameaças das potências do Eixo



Fulgencio Batista, de Cuba: Este é o começo da libertação dos países oprimidos da Europa. Vem pôr em relevo o nobre propósito do governo dos Estados Unidos em prol dos interesses democráticos



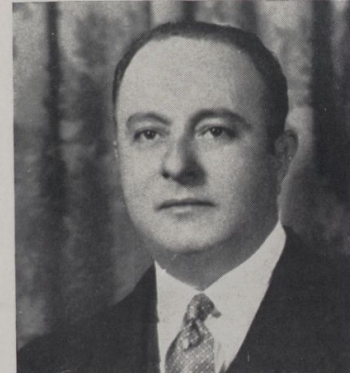
Alfonso Lopez, da Colômbia: Quando uma grande nação como os Estados Unidos emprega seu poder para proporcionar vida melhor a um povo oprimido e aterrizado, deve merecer a cooperação de todos os povos



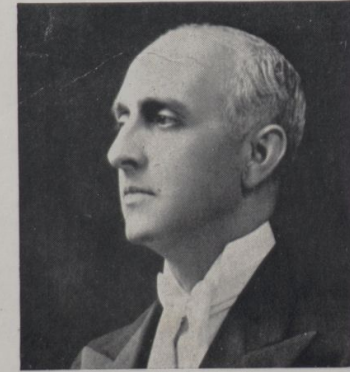
Getúlio Vargas, do Brasil: Apoieiros com entusiasmo esta ofensiva, porque ela antecipa o plano alemão de invasão e fortalece tanto a segurança do Brasil como a das Américas



Rafael Angel Calderón Guardia, da Costa Rica: As operações na África do norte são de máxima importância para os países americanos, como eliminação da grave ameaça do Eixo



Anastasio Somoza, da Nicarágua: O governo e o povo da Nicarágua se alegram por haverem as Nações Unidas levado a efeito esse novo e sério golpe contra a ameaça do Eixo



Manuel Prado, do Perú: A ação resguarda as Américas do ataque direto, através do Atlântico, e estreita ainda mais os laços de solidariedade entre todas as nações americanas



Enrique Peñaranda, da Bolívia: A grande nação de Washington realizou, nesta hora histórica de ansiedade, um ato de estrita justiça, obedecendo a necessidades militares que não mais podiam delongar-se



Higinio Morinigo, do Paraguai: Estes últimos e históricos acontecimentos na África estão incontestavelmente em perfeita harmonia com os ingentes esforços e com os ardentes desejos de todos os povos do nosso continente



Rafael Leónidas Trujillo Molina, da República Dominicana: As operações iniciadas pelas Nações Unidas na África constituem poderoso e animador esforço na grande luta pela liberdade e pela dignidade humana



Enrique Ruiz Guinzá, Ministro das Relações Exteriores da Argentina: O governo e o povo da Argentina acompanham com o usual interesse os esforços dessa grande nação amiga em prol da segurança da América



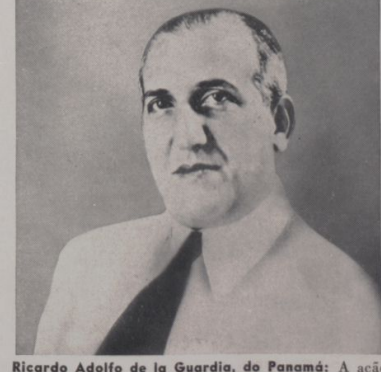
Tiburcio Carías Andino, de Honduras: O governo e o povo de Honduras aprovam cordialmente a ação das forças dos Estados Unidos na África, como uma notável contribuição para a nossa grande vitória final



Alfredo Baldomir, do Uruguai: A França, sem dúvida alguma, renascerá poderosa e fortalecida pelo seu martírio, para abrilhantar em futuro próximo, um mundo internacional digno, baseado na justiça e na honra



Antonio Ríos, do Chile: As operações empreendidas tendem fundamentalmente a resguardar a segurança do hemisfério. Apreciamos esses fins elevados e as garantias oferecidas à França, a Portugal e à Espanha



Ricardo Adolfo de la Guardia, do Panamá: A ação não tem outra finalidade senão a de um nobre desejo de ajudar a libertação da França e levar a efeito a ansiada destruição das forças de opressão do Eixo



Manuel Avila Camacho, do México: Nas costas da África Setentrional Francesa está desembarcando um exército democrático que leva a luz dessa liberdade que sempre foi o verdadeiro espírito da França



Maximiliano Hernandez Martinez, do Salvador: Os Estados Unidos, grandes e poderosos, estão agora tomando parte decisiva na guerra, com todo o valor de suas incalculáveis forças industriais e humanas



Carlos Alberto Arroyo del Río, do Equador: E' um triunfo sobre as armas da agressão. Mais uma vez está sendo paga a dívida de gratidão pela contribuição do grande Lafayette à independência americana



Eile Lescot, do Haiti: Expressamos nossa admiração e nossas sinceras felicitações por esse feito titânico e confirmamos aos Estados Unidos a solidariedade dos povos de idioma francês no continente americano

MISSÃO À AFRICA



Tommy Donnelly



GENERAL MARK W. CLARK

OS oito oficiais viajaram de trem, de automóvel, avião, submarino, navio, lancha-torpedeira e tomaram um barco que afundou com eles. Numa ocasião, quase caíram numa armadilha. Duas vezes tiveram que se acotear no mato, a noite toda. Passaram fome e estiveram sempre em perigo.

Mas conseguiram ser mais espertos que os agentes Eixo e levaram a efeito uma missão que permanecerá como uma das mais úteis e audaciosas. Esses oficiais estabeleceram, no norte da África, contato com os patriotas franceses que ajudaram a preparar o caminho para o desembarque, com pequena resistência, da enorme expedição de forças dos Estados Unidos que marcou o primeiro grande passo da ofensiva aliada.

Cêrca de três semanas antes de se iniciar a campanha no norte da África, o general Eisenhower recebeu comunicação de que numeroso grupo de franceses estava ansioso por cooperar com os Estados Unidos. Era, assim, essencial enviar vários oficiais para trocar idéias com aqueles franceses. Eisenhower escolheu o general Mark W. Clark para chefiar a respectiva missão secreta.

Clark fez-se acompanhar de quatro outros oficiais norte-americanos: o general Lyman L. Lemnitzer, coronel Archelaus L. Hamblen e coronel Julius C. Holmes, e comandante Jerauld Wright, da marinha; e de três oficiais ingleses dos famosos "comandos": o capitão C. J. Courtney, capitão R. T. Livingstone e tenente J. D. Foot.

Trajados à paisana, os oito oficiais partiram de Londres numa noite chuvosa e chegaram a Escócia em um vagão cerrado de um trem completamente às escuras. Dirigiram-se de automóvel a um aeródromo e daí levantaram vôo com destino a um navio em alto mar. Do navio passaram, depois, para um lancha-torpedeira, que partiu veloz ao encontro de um submarino. E este, finalmente, conduziu-os a um ponto situado ao largo do do litoral do norte da África.

Armados com revólvers, os oficiais desembarcaram depois em um local da costa na Algéria e dirigiram-se às imediações de uma casa distante, onde deviam encontrar-se com os representantes do general Giraud.

Durante a primeira noite em terra, o general Clark e seus companheiros permaneceram escondidos num mato, esperando inutilmente certa luz de um sinal convenionado, que deveria surgir na casa. Com fome, impacientes e nervosos, esperaram sem cessar. Na noite seguinte, surgiu a luz.

Clark e os demais encontraram a casa repleta de oficiais franceses fardados. Durante um dia e uma noite, mantiveram-se em confabulações com os franceses, tratando dos preparativos para a expedição em vista. Os franceses alegraram-se imensamente ao saber que a campanha da libertação já estava sendo organizada. Clark mostrava-se ansioso por conseguir todas as informações de caracter militar a respeito de pontos de desembarque, pontos, fortificações, estradas e aeródromos.

No melhor da conferência, os presentes foram informados de que um dos criados da casa os havia traído e que a polícia de Vichy, às ordens do Eixo, já vinha em caminho.

"Nunca vi tanta excitação em minha vida," escreveu Clark no seu relatório, a propósito do incidente. "Mapas desapareciam como por encanto. Um general francês, que estava fardado, surgiu à paisana num minuto. Quando o vi, pela última vez, estava saltando a janela. Todos fugiam em todas as direções."

O grupo de oficiais franceses escapou minutos antes de haver a polícia cercado a casa. Clark e seus companheiros reuniram seus papeis, mapas e armas e esconderam-se numa adéga vazia. Ai, os oficiais americanos e ingleses esperavam de revólver em punho, enquanto a polícia dava busca em cima. Em certo momento, um oficial inglês quase tossiu. O dono da casa, entretanto, conseguiu finalmente convencer a polícia de que a informação dada pelo criado era falsa. E Clark e seus auxiliares, puseram-se de viagem de regresso a Londres.

Logo na primeira etapa da jornada, o barco que os conduzia foi ao fundo. Os oficiais perderam a maior parte de suas roupas, mas salvaram os mapas e os planos. Tiritando em roupas escassas, alcançaram terra e esconderam-se no mato. Conseguiram arranjar umas cortinas que lhes serviram de peças de vestuário, e caminhando e descaçando, chegaram a-final a um ponto secreto, onde embarcaram no transporte que os levou diretamente a Londres.

Em menos de uma semana, a contar da noite em que a missão havia deixado Londres, Clark apresentava-se ao general Eisenhower. Dos franceses havia ele obtido informações que serviram para salvar muitas vidas. Por sua vez, aos amigos do general Giraud foram confiados detalhes completos dos planos norte-americanos, de maneira a facilitar-lhes toda ajuda na sua execução. Dêsse modo, a expedição da libertação pôde completar a ocupação da longa costa do norte da África Francesa em 76 horas. O Presidente Roosevelt promoveu Clark. Seus companheiros receberam citações.



O general Clark e seus companheiros conferenciaram durante um dia e uma noite com vários oficiais franceses. Nesse encontro conseguiram eles informações detalhadas a respeito da disposição das guarnições e do apoio dos oficiais franceses, concurso que muito contribuiu para que a ocupação fosse realizada com um mínimo de derramamento de sangue



Avisada por um criado, a polícia do governo pró-nazista de Vichy deu uma busca na casa onde estavam os conspiradores, mas sem resultado. O general Clark e seus companheiros ocultaram-se numa adéga. Em baixo: Quando o barco que os conduzia foi ao fundo, na viagem de regresso, todos perderam as roupas e o dinheiro. Conseguiram apenas salvar documentos e a roupa de baixo, e tiveram que se ocultar no mato



AS AMÉRICAS E A GUERRA

EM Cuba, é um avião-patrolha que decola lentamente de um aeródromo e desaparece na escuridão da noite. No Brasil, uma esquadilha de destroyers se faz ao largo, da embocadura de um rio, e se espalha em leque. Ao longo das praias mexicanas, patrulhas de infantaria percorrem a litoral, em ronda constante. E nos portos norte-americanos, embarcam numerosas tropas em cinzentos transportes de guerra, com rumo às frentes de batalha.

Em menos de um ano, as nações americanas já estabeleceram uma firme defesa do Hemisfério, para apoiar a ofensiva das Nações Unidas contra o Eixo, no Velho Mundo.

Segundo Hitler a Alemanha e seus aliados representavam um poder "superior a qualquer possível coalisão no mundo." Mas agora estão sentindo os formidáveis ataques do Novo Mundo. A fim de dar mais vigor a esses ataques, as forças militares das repúblicas americanas estabeleceram um sistema de íntima colaboração.

Navios e aviões com bases no nordeste brasileiro guardam as rotas marítimas vitais através do Atlântico-sul, por onde se suprem as forças das Nações Unidas no Mediterrâneo e no Oriente-Médio. Muitos dos aviões que mantêm sob constante ataque as posições do Eixo, desde a Noruega até o Mediterrâneo-ocidental, alcançam a frente de batalha através da rota do Mar das Antilhas à África, via Brasil, ou através da rota que vai da Terra Nova à Gran-Bretanha.

A princípio, a campanha submarina do Eixo ameaçava paralizar o esforço de guerra das Américas, com seus ataques às vias marítimas do hemisfério. Mas os navios de guerra e aviões dos Estados Unidos, Brasil, Cuba e México e o patrulhamento aéreo com bases ao longo da costa oriental, do Canadá ao Brasil, fizeram frente à campanha do Eixo.

Aquém da linha do litoral, patrulhas foram organizadas, precauções foram tomadas contra raides aéreos. Quintacolunistas e agentes do Eixo envolvidos em espionagem do movimento de navios, foram presos. Estrangeiros inimigos perigosos foram internados.

O grau de defesa alcançado no México exemplifica tais medidas de guerra. A mecanização do exército mexicano foi acelerada, suas forças receberam novo equipamento, inclusive aviões de bombardeio e de combate, tanques, canhões anti-tanques e baterias anti-aéreas. As cidades da costa reduziram a sua iluminação. A Cidade do México, Puebla, Monterrey e Guadalajara entregaram-se a exercícios de verdadeiros "blackouts".

Com aviões fornecidos pelos Estados Unidos, por meio de acordos de empréstimos e arrendamentos, o México organizou um perfeito serviço de patrulhamento aéreo ao longo da costa do país. Dois mil cidadãos do Eixo, aproximadamente, suspeitos de atividades de quinta-coluna foram internados. Todos as sociedades alemãs, italianas e japonesas foram fechadas e aos cidadãos dos países inimigos ficou proibida a residência nas proximidades da costa.

As Repúblicas do Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras e Salvador apressaram-se no desempenho de suas respectivas partes na defesa do hemisfério. Espiões inimigos e agentes subversivos foram presos e deportados, e ativou-se o trabalho de construção da rodovia Panamericana, nos pontos de ligação com os Estados Unidos. Todas as bases foram postos à disposição dos navios e aviões das Nações Unidas. Reforços dos Estados Unidos vieram aumentar a segurança da zona do canal do Panamá.



Cadetes brasileiros de aviação em parada. Povo dotado de superior mentalidade aeronáutica, os brasileiros estão organizando uma das melhores forças aéreas



Oficiais do exército mexicano e do exército dos Estados Unidos erguem um brinde num restaurante, em Sonora, depois de uma conferência a respeito da defesa mútua dos dois países. Em baixo: A entrega da Legião do Mérito, dos Estados Unidos, ao general Amaro Soares Bittencourt, ex-adido militar brasileiro em Washington, durante expressiva cerimônia em Miami. O general Bittencourt é o primeiro oficial estrangeiro a receber essa distinção





No bairro italiano de Nova York, durante festividades por ocasião da partida de rapazes alistados no exército. Cada estrela representa um alistamento

Italianos Livres e Leais

O ESPÍRITO DE COOPERAÇÃO DE UMA GRANDE COLÔNIA

Por haverem provado a sua lealdade à causa das Nações Unidas, 600.000 italianos natos, residentes nos Estados Unidos, não mais serão considerados "estrangeiros inimigos". Ao abolir-se a designação "inimigos", ficaram eles com plena liberdade para viver e se locomover como anteriormente, e também para participar no esforço de guerra, como qualquer cidadão dos Estados Unidos. No Dia de Colombo, em que se comemora no país a descoberta da América, o Procurador Geral da República, Francis Biddle, anunciou, pelo rádio, à colônia italiana, a suspensão das restrições. Damos aqui excertos do seu discurso:

Só um povo, uma nação que já teve a liberdade e a perdeu, é capaz de avaliar o que significa uma terra livre. Há, dentre vós, muitos que já amaram aquilo que outrora foi a Itália; muitos que consideram sua, aquela antiga Itália. Nêles perdura o orgulho de um povo que por tantas vezes teve de resistir à invasão armada de sua pátria pelos exércitos da Espanha, da França e da Áustria.

Através de gerações, êsses heróicos defensores lutaram e também perderam. Sim, foram vencidos e aniquilados; mas o incessante amor à terra que era dêles, não lhes permitia depuzessem as armas com resignação segundo aquela da imagem imortal de Dante — "como quem contempla a ventura alheia e sabe quanto custa alcançá-la." Eles lutaram até que não tinham mais nada a perder e realizaram o seu sonho. Nos fins do século passado, a Itália alcançou a sua independência. A terra estava livre.

Livre e unida; mas agora, êse sonho está desfeito e Roma acoberta apenas um chagal. Mas a semente da liberdade se acha muito profunda na terra italiana e o seu crescimento é por de mais vigoroso para ser extirpado. Há grandes nomes do glorioso passado, que retornam para agitar as cogitações do presente. A hora é de medidas extremas.

A vós, da velha e mais valorosa Itália, aos seis milhões de cidadãos dos Estados Unidos de origem italiana, e aos outros milhões que podem ouvir-nos através dos mares, não é preciso relembrar aqueles nomes, porque o sonho nunca será desfeito; Dante, que quebrou o encanto do passado; Galileu, pioneiro dos céus, que não se calou ante a reação; Leonardo da Vinci, Miguel Angelo, Tasso, Ariosto — todos grandes homens que abriram as vias árduas da libertação do espírito humano.

Volvamos nossas vistas a menos de um século passado. Veremos à margem do Tigre, Garibaldi irremediavelmente superado pelos franceses, coberto do sangue de seus próprios legionários, voltando-se para aqueles, dentre os seus, que se inculcavam o papel de apaziguadores: "Que me siga todo aquele que ainda tiver fé na Itália!" E com insuperado ardor, prosseguia na luta, recorria à guerrilha, ganhava tempo. Hoje, pela Europa conquistada, os guerrilheiros ainda continuam na refrega contra o invasor, atacando-o incessantemente, dia e noite. Hoje, alinham-se, ao longo das ruas de

Nápoles e Roma, observadores mudos e acobrunhados, e nas estradas afastam-se para dar passagem a outro exército estrangeiro, que lhes dá ordens com arrogância. E' mais um invasor, que a tanto vale a significação dessa horda brutal de suástica no braço, sob o pretexto de amizade e aliança da Itália.

A máscara do engodo é transparente. Não ilude a ninguém, nem mesmo a êsse homem truculento que se intitula Il Duce. Hoje, a nação que foi a Itália está prostada. Seu povo sabe que foi traído e já se dá conta dos sinais de uma nova escravatura a espalhar-se pelo país, desgraça ainda maior do que os seus antepassados sofreram.

Hoje, o povo da Itália está farto de fascismo, enojado de Mussolini, e sente particular repugnância por Adolf Hitler. Em seu coração ecoa, em toda a sua tristeza, a advertência de Byron feita à Itália:

"Não seja a arma estrangeira
Tua defesa e triste abrigo,
Que te fará, vencedora ou vencida,
Escrava de amigo ou inimigo."

Há nos homens e nas nações que já conheceram a liberdade, uma qualidade, uma força de vontade que é indiferente à própria morte. Manifesta-se e persiste com tenacidade cujo extremo é a conquista dos seus propósitos.

Nós, nos Estados Unidos, porfiamos nêsse propósito. Aqui, em nossa pátria, 600.000 italianos, aparentemente estrangeiros inimigos, estão se reunindo a milhões de cidadãos de origem italiana para a consecução dos meios que necessitam. Trabalham êles com outros milhões que têm em suas veias sangue francês, norueguês, belga, holandês, polonês, grego e de outros povos conquistados da Europa.

A rebelião é o constante pavor de morte do fascismo. E' por isso que hoje, na Itália, uma popu-

lação indefesa enfrenta atônita a alma de metralhadoras em massa, armas nazistas, trazidas para o país a pedido urgente de Benito Mussolini. E' por isso que as tropas de choque patrulham as ruas e a Gestapo espregueira nas esquinas. E o "todo poderoso" da Itália esconde-se por trás de uma cortina de aço alemão.

Mas a revolta contra o fascismo italiano não pode ser sufocada. Já se sente a sua intensidade. Aqui, nos Estados Unidos, italianos, aos milhares, estão em revolta contra o governo de Mussolini. Através do seu trabalho, estão êles lutando contra êsse homem que os traiu e lhes declarou guerra. Por suas próprias mãos, estão êles apressando a derrota do traidor.

Em cada divisão do exército norte-americano, há aproximadamente 500 soldados que são filhos de imigrantes italianos. E mais numerosos ainda são os de origem italiana mais remota. Não preciso dizer-vos que êsses homens frequentemente se encontram entre os citados e condecorados por atos de bravura, desde 7 de Dezembro de 1941.

Bem sei dos problemas dêsses italianos que vivem em nossa pátria. Conheço-lhes o passado e os antecedentes, seus planos e suas esperanças. De há muito que me tenho certificado acêra da sua lealdade.

Quando rompeu a guerra, há dez meses, e foram êles declarados "estrangeiros inimigos", eu sabia que o tempo diria da sua lealdade melhor do que minhas palavras ou minhas predições. Não obstante, eu disse então, e tenho sempre repetido, que em minha mente não pairava dúvida alguma quanto à lealdade dêsses 600.000 estrangeiros; e que, com pouquíssimas exceções, não eram êles "estrangeiros inimigos".

Os fatos confirmaram a minha convicção. Temos agora o resultado de dez meses de uma vigilância sem precedentes em tempo de guerra. Observámos êsses italianos, êsses denominados "estrangeiros inimigos"; investigámos e agimos levados mesmo pelas menores dúvidas. Nunca nos arriscámos. E que verificámos? Verificamos que, de um total de 600.000 pessoas, só havia razão para internar apenas 228 delas, ou seja menos de um décimo de um por cento!

A ação do tempo, como prova, foi essencial. Queríamos provas e tínhamos o direito de exigí-las. Mas agora, que já as tivemos, seria lamentável que continuasse o estigma de "estrangeiro inimigo"; lamentável não apenas em nome, mas de fato se continuasse contra a colônia italiana nêste país.

Tenho, por isso, uma declaração a fazer-vos hoje, em consequência da magnífica impressão causada pelos italianos nos Estados Unidos, em face daquelas provas. Constitue também satisfação de minhas próprias esperanças, a consumação de um intento em que participei de coração. Cabe-me anunciar agora que, de 19 de Outubro em diante, os estrangeiros italianos não mais serão classificados como estrangeiros inimigos. Ser-lhes-á concedida a exoneração a que êles fazem jus.



O Procurador Geral, Francis Biddle, que anunciou a extinção da classificação de "estrangeiros inimigos" — como prêmio à lealdade de 600.000 italianos não-naturalizados



As febres tropicais e os atiradores de tócia japoneses foram duas pragas que o fotógrafo Sherman Montrose (à esquerda) e o correspondente Frances McCarthy tiveram de enfrentar durante a sua estadia num posto avançado no Pacífico



O correspondente Leo S. Disher, fotografado a bordo de um navio de guerra que escolta um comboio no Atlântico. Disher foi ferido em Orán, durante a ocupação do norte da África, quando o navio em que ele se achava forçou uma barragem da defesa do porto



Jack Singer, que foi passageiro de um avião-torpedeiro durante a batalha do Mar de Coral e sobreviveu a vários trabalhos arriscados como jornalista, pereceu afogado quando o navio em que ele se achava foi torpedeado perto das Ilhas Salomão



Byron Darnton, o décimo correspondente norte-americano de guerra que morre no seu posto. Profeticamente, em seu último despacho de Nova Guiné, escreveu ele: "Não se pode contar com meios de transporte regulares. A melhor condução é a dos bombardeiros"

Correspondentes DE GUERRA

NO livro de notas do reporter, rasgado e ensopado, lia-se o seguinte:

"19 de Agosto — Segundo dia nas rochas, mascando capim e sargaço e rezando. Enfraquecendo. Esperanças perdidas. Procurei o dia todo ver um avião. Parece que breve morrerei aqui mesmo."

"20 de Agosto — Foi a pior noite de chuva. Fiquei estirado na lama, alagado, a noite inteira. Parece que me sinto mais forte hoje. E o pé está cicatrizando. Se eu pudesse conseguir comida de verdade, iria até a montanha. E' pena morrer quanto eu poderia tentar ir até uma aldeia."

"30 de Agosto — Agora, no tope duma montanha. E' um cenário terrivelmente impressionante. Que cumes! Se não morrer hoje, talvez continue amanhã. Não sei porquê."

Esses foram três dias dos 45 que Vern Haugland, correspondente da Associated Press, passou nas matas da Nova Guiné, depois de atirar-se de para-quedas, de um avião do exército, colhido num temporal. O general MacArthur condecorou-o com a medalha militar Estrela de Prata, por seus atos "como um símbolo de devoção a resignação no cumprimento do dever."

Haugland é o primeiro civil a receber essa medalha; é também um dos muitos correspondentes de guerra, que participam, desarmados, dos perigos que soldados e os marinheiros enfrentam em tôdas as frentes de batalha, apenas para enviar notícias para os Estados Unidos e outros países da América.

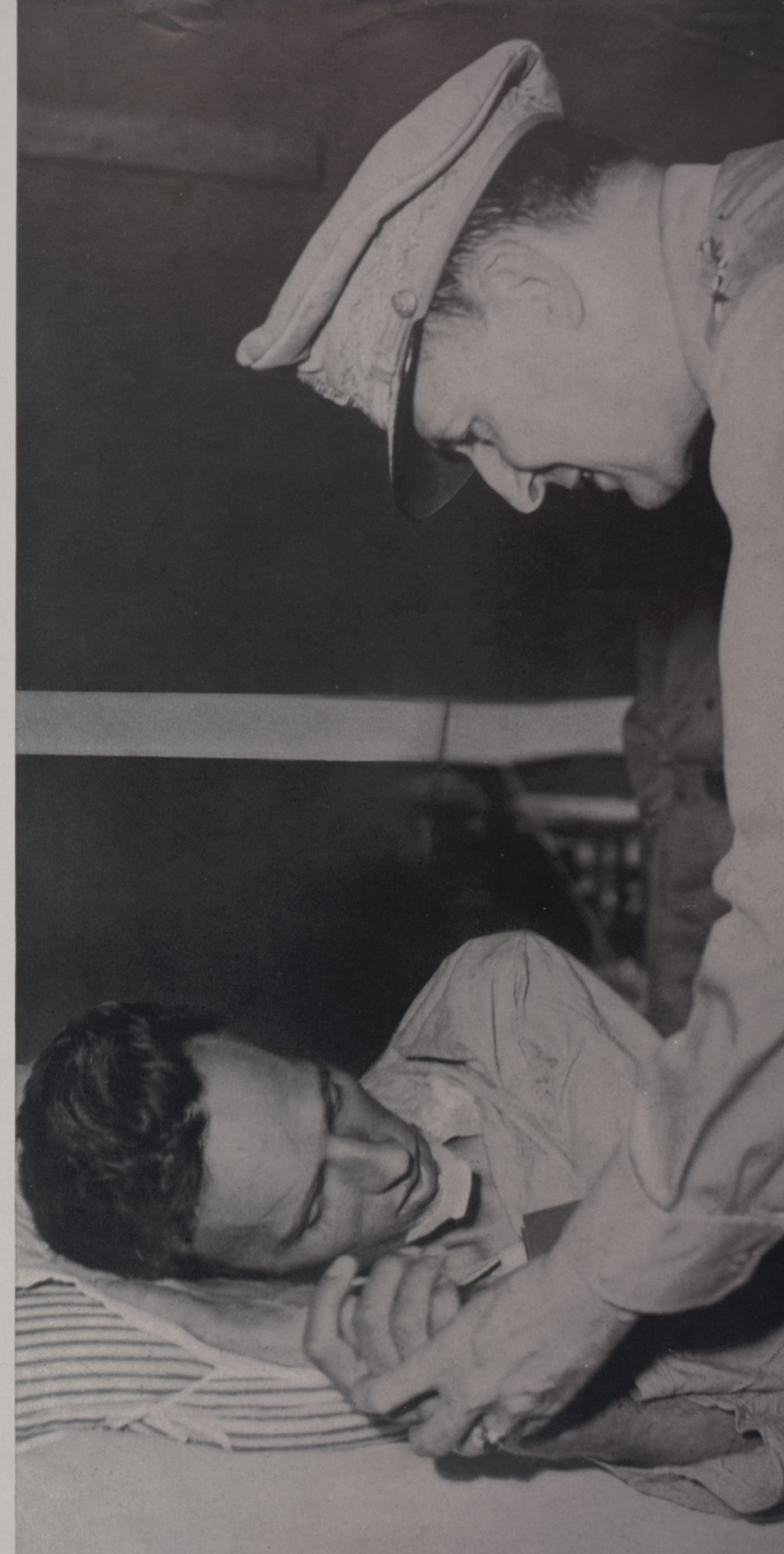
Os correspondentes das empresas noticiosas, das estações de rádio e os jornalistas, em geral, vôm nos bombardeiros, em seus raides contra território inimigo, ficam no convez de navios de guerra, durante o combate, e arrastam-se para trincheiras, a-fim de obter notícias.

Desde que irrompeu a guerra na Europa, há três anos, oito correspondentes norte-americanos foram mortos; dezessete foram feridos, dezoito foram feitos prisioneiros e 57 foram internados pelo inimigo. Embora a maioria desses internados tenha sido repatriada, ainda havia dezessete em mãos do inimigo, em Setembro deste ano.

Uma das mais recentes baixas da imprensa, foi a morte de Byron Darnton, correspondente do "New York Times", vítima de um acidente na área de ocupação aliada na Nova Guiné. Foi ele um dos poucos correspondentes que permaneceram em Porto Moresby, enquanto os japoneses estavam atacando essa base; e nessa ocasião, telegrafou ao seu jornal, informando que não esperava transmitir notícias por algum tempo, porque estava de partida para o campo das operações. Quatro dias depois, num tranquilo vale tropical, perto de Porto Moresby, seis colegas de imprensa carregavam o caixão de Byron Darnton, envolto numa bandeira, para a sua última morada. Uma formação de aviões aliados, em vôo rasteiro pela rama das árvores, prestava homenagem.

"Ele desempenhou com extraordinária dedicação, na frente de combate, os trabalhos que o seu dever lhe impunha", declarou o general MacArthur. "O exército lamenta a sua morte."

Noutra parte do mundo, no norte da África, os alemães quasi afogaram o correspondente Larry Allen, da Associated Press, mas o episódio, para ele, foi apenas mais uma fonte de notícias. Por ocasião do assalto dos "comandos" ingleses contra Tobruk, Allen observava o combate de bordo do destroyer "Sikh" que foi a pique. Mas ele conseguiu salvar-se e mandar notícias.



Ainda fraco, em virtude de haver passado 47 dias perdido e caminhando nas densas matas da Nova Guiné, depois de saltar de um bombardeiro em pleno vôo, o correspondente de guerra Vern Haugland recebe, num hospital militar, a visita do general Douglas MacArthur, que o condecorou pelo seu brilhante cumprimento do dever

SOFRIMENTO E DESTRUIÇÃO

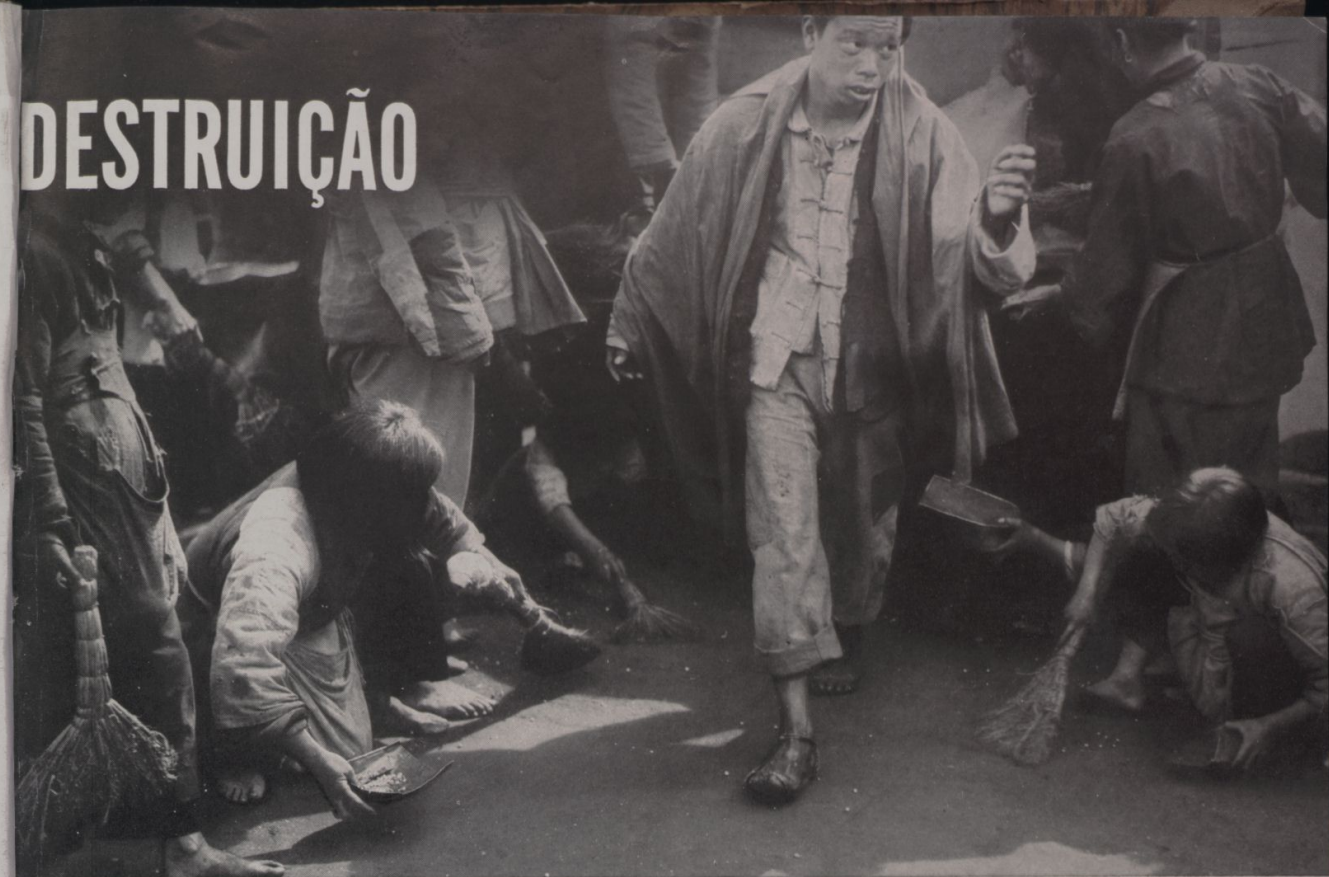
“SE fome houver, não há-de ser na Alemanha. De agora em diante a norma invariável será de proporcionar aos trabalhadores alemães e àqueles que trabalham na Alemanha, a melhor alimentação possível.”

Assim falou Herman Goering, o homem mais nutrido da Europa, ao delinear, a 4 de Outubro, o programa alemão de pilhagem para a temporada de 1942-1943. Foi um aviso abrupto aos milhões de miseros habitantes da Europa ocupada, para que ou concordassem com o plano de trabalhos forçados na Alemanha, ou se arrisassem a morrer de fome. Provas bastantes já existiam de que muita gente, nas terras saqueadas pelos alemães, morreria à fome. A Grécia, por exemplo, é um dos países que mais tipificam o sofrimento causado pela falta dos recursos mais essenciais à vida.

“Está acima de minhas forças”, declarou o rei Jorge da Grécia, numa irradiação, feita de Washington para todo o mundo, “descrever os sofrimentos por que está passando o povo grego. Informes que nos chegam de nossa pátria, relatam o crescente número de mortes, que já atinge a muitas centenas, diariamente, só no distrito de Atênas.”

Comunicações feitas por outros governos exilados revelam a existência de condições similares em outros países ocupados. A Alemanha estava se apossando de nove décimos do pescado norueguês. Oitenta por cento da colheita de frutas da Noruega foram requisitados e enviados para a Alemanha. Ainda na Noruega, os estoques de cereais achavam-se extremamente reduzidos e a população civil estava sujeita a um regime de racionamento de carne fresca que representava apenas cinco por cento do seu consumo

O bem nutrido marechal Herman Goering não pretende reduzir as parcas rações da maioria dos alemães. Ele promete conseguir-lhes que comer, ainda mesmo que o resto da Europa passe fome, fato que não é surpresa alguma para as miseráveis crianças de um país ocupado pelos nazistas que aqui se vêem como exemplo do regime dos invasores



Na China ocupada pelos japoneses, pouco sobra para a alimentação dos chineses. As mulheres correm atrás de grãos de arroz caídos de um caminhão



Os nazistas fazem a costumeira pilhagem de cobertores de uma loja de Amsterdam, e destinados aos seus soldados que estão curtindo o frio na frente russa





Os habitantes desta vila francesa, destruída pelos nazistas, pouco se apiedam dos alemães que estão agora sentindo os efeitos do poder aéreo das Nações Unidas

(continuação)

normal. Carne verde, carne de porco, de carneiro, toucinho e queijo estavam sendo sistematicamente requisitados pelos nazistas. Na Bélgica era praticamente impossível conseguir-se carne fresca; batatas, ovos, peixe, queijo, toucinho e azeite haviam virtualmente desaparecido dos mercados. As rações geralmente correspondiam a 40 por cento, aproximadamente, das necessidades do tempo de paz.

Sabe-se que os alemães se apoderaram de três quartos partes do gado da Holanda. Houve, conseqüentemente, grande escassez na produção de manteiga e queijo. Os alemães estabeleceram o monopólio de toda a produção de gêneros alimentícios, tendo requisitado grande parte dos mesmos para a Alemanha.

A Dinamarca tem sofrido enormemente com a falta de comestíveis. Em fins de 1941, os nazistas haviam reduzido o estoque normal de 3.250.000 cabeças de gado do país, para apenas um milhão; e metade dos 3.000.000 de porcos então existentes foram abatidos. A Dinamarca era um dos países que mais produziam ovos, na Europa; mas em dois anos de ocupação germânica, sabe-se que o número de galinhas ficou reduzido a um quinto do seu total de antes da guerra.

Na Polônia, a produção de alguns gêneros alimentícios já havia aumentado, mas os nazistas se encarregaram de levar para a Alemanha cerca de metade de tais produtos, deixando com os poloneses um mínimo para a sua subsistência. Na Iugoslávia, carne, leite e verduras havia meses que estavam sendo insuficientes, devido aos "acôrdos comerciais" nazistas, cujos verdadeiros propósitos eram sugar toda a produção do país.

Na França, os alemães têm se apossado de toda a banha. E das exigências nazistas feitas aos franceses este ano, constavam 800.000 toneladas de trigo, 200.000 toneladas de carne, 250.000 toneladas de batatas e 800.000 toneladas de aveia.

Conquanto coubesse a Goering declarar a política alimentar nazista, foi Paul Joseph Goebbels quem explicou ao mundo a vasta significação das conquistas alemães. Em discurso proferido em Munich, a 18 de Outubro, e transmitido ao mundo através do rádio, afirmou o trêfego propagandista:

"Já conquistámos um espaço, espaço vital, tão amplo como a própria Alemanha, a França e Inglaterra reunidas. Mas não conquistámos essas terras apenas para possuí-las. Conquistámos para organizá-las para nós, alemães."

Sob esse infame princípio, os nazistas concentraram seus esforços no sentido de transformar a ferro e fogo tantos povos dignos em simples vassálos. E onde quer que houve resistência, iam eles matando em massa.

A Comissão Interaliada, em Londres, comunicou em 21 de Setembro último, que se sabia haverem morrido 207.373 pessoas, executadas ou em consequência de máus tratos recebidos em mãos de nazistas. Desses infelizes, 200.000 haviam sido fuzilados ou morrido em campos de concentração na Polónia, inclusive 70.000 reféns. Desde Maio passado, 1.765 tchecos foram fuzilados, e destes, 525 por causa da morte de Reinhard Heydrich. Na Holanda sabe-se que 200 pessoas foram fuziladas por terem publicado jornais clandestinos e praticado vários atos considerados de "resistência" ao nazismo.

Stanislaw Mikolajczyk, segundo-ministro do governo polonês em Londres, comunicou a 26 de Julho último, que de 12.000 a 15.000 cidadãos poloneses proeminentes na política e educação, haviam sido executados numa "vila da morte" especialmente criada pelos alemães em Palmiry, perto de Varsóvia.

Os nazistas adotaram medidas drásticas para aumentar o seu elemento trabalhista. À França, propuzeram êles a troca de um prisioneiro de guerra francês para cada grupo de três operários experimentados franceses, destinados a trabalhar nas fábricas alemãs. Nos territórios ocupados, a repressão à desobediência tornou-se extremamente severa. Na Lorena o régulete nazista J. Buerckel ordenou a deportação de 8.000 franceses.



Indefesos civis não merecem misericórdia alguma dos invasores. Um pelotão nazista de fuzilamento executa cinco russos à beira de uma vala comum, que já está repleta de outros infelizes aldeões condenados sumariamente. A fotografia foi encontrada no bolso de um soldado alemão morto na tremenda luta contra Stalingrado



Esta mulher chinesa, no meio das ruínas do seu lar, bem sabe a significação das conquistas japonesas e da "nova ordem" que êles pretendem impôr a ferro e fogo a todos os povos, não somente da Ásia como da Oceania



A prôa de um navio petroleiro reúne-se ao resto do casco. A fabricação prévia de várias partes do navio reduz extraordinariamente o tempo de construção



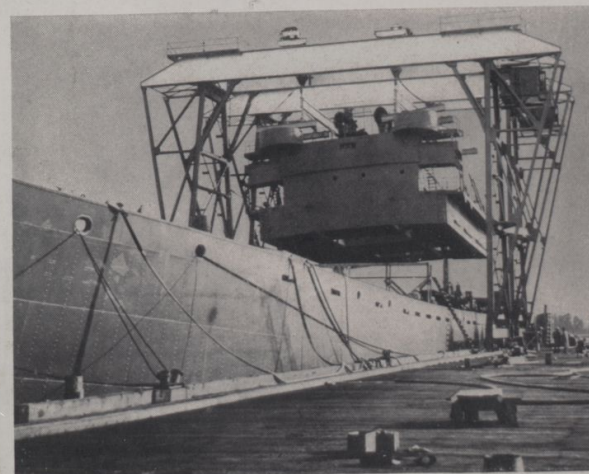
Servindo-se de um pequeno modelo, Henry J. Kaiser (o segundo à esquerda), demonstra o seu moderno método de montagem na construção de navios. Sendo fabricadas separadamente, fóra dos estaleiros, as 81 partes que constituem um cargueiro completo de 10.000 toneladas, o tempo de montagem pode ser facilmente reduzido para menos de dez dias

UM ARSENAL EM AÇÃO

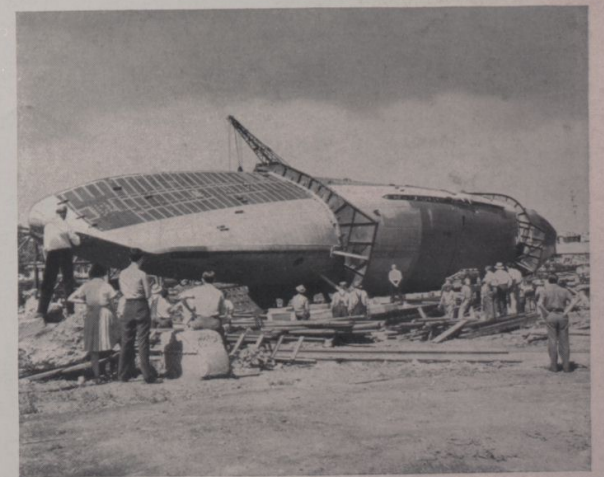
OS comparsas do Eixo riram-se e disseram que não poderia ser feito. Afirmaram que os objetivos de produção estabelecidos pelo Presidente Roosevelt eram fantásticos — um sonho. Hoje, Hitler, Mussolini e Tojo devem ser os mortais mais estupefatos do mundo, porque aqueles objetivos

estão sendo alcançados. E em tôdas as frentes, está o Eixo sentindo o efeito das armas fabricadas nos Estados Unidos. Foi em mensagem ao Congresso, a 6 de Janeiro último, que o Presidente Roosevelt apelou para a nação no sentido de ser alcançada uma produção de armamentos em volume sem pre-

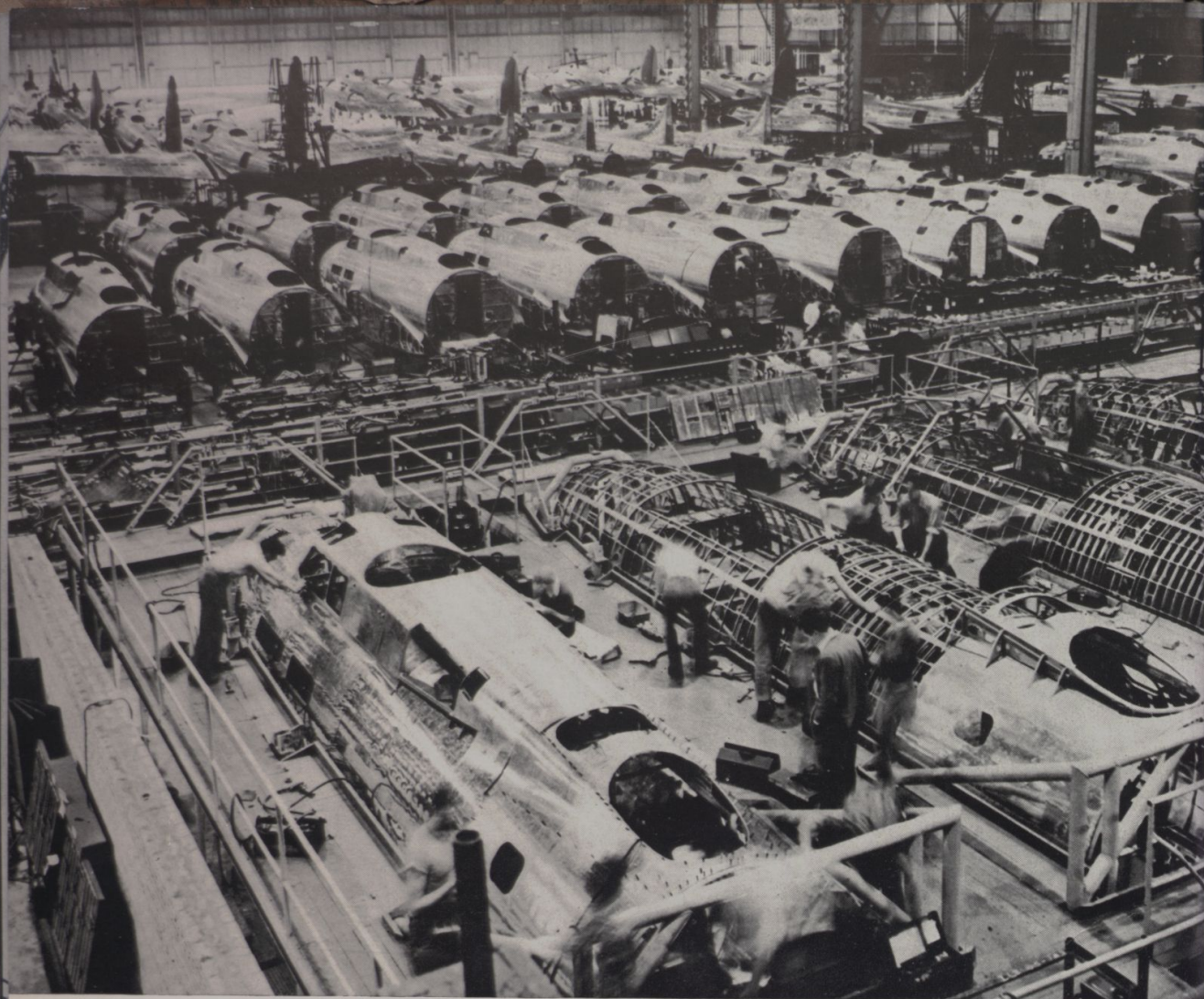
cedentes. Insistiu êle para que a nação alcançasse em 1942 um mínimo de 60.000 aviões, 40.000 tanques e 8.000.000 toneladas de navios mercantes, quantidades que poderiam constituir uma média anual. Durante a semana que se seguiu, os rádios do Eixo fartaram-se de ridicularizar o programa



Outra simplificação que permite a construção de cargueiros de 10.000 toneladas com uma rapidez nunca antes alcançada. A superestrutura do navio está sendo arriada sobre o casco, por meio de um guindaste. Este é um navio da frota da "Liberdade"



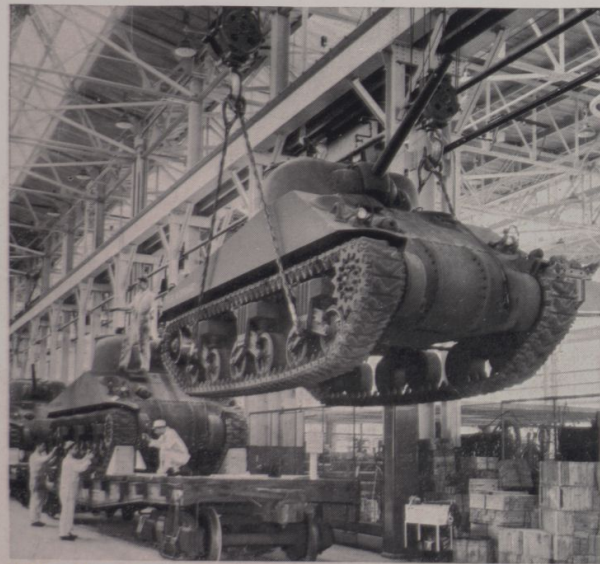
Caça-submarinos são agora construídos numa semana, em vez de seis, com a adoção de métodos práticos. O casco é montado de cima para baixo e depois virado à sua posição natural para a terminação dos trabalhos. Desta maneira produz-se rapidamente



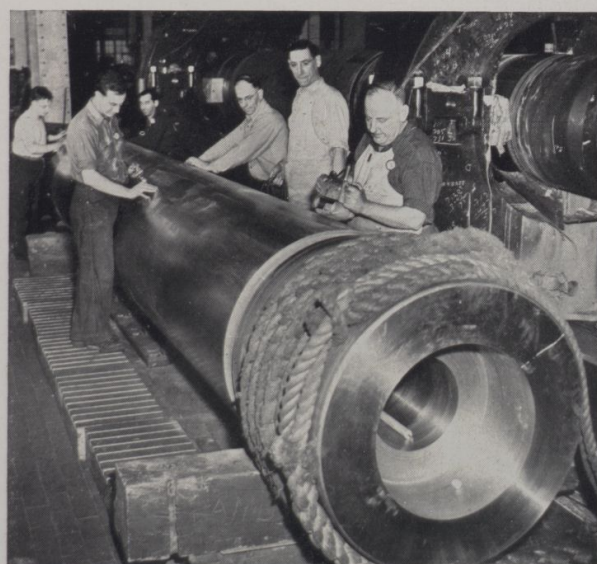
Fortalezas Voadoras, em seu último estágio de montagem da fuselagem, são revestidas de chapas finas, rebitadas. Este é o último modelo, de tão grande sucesso



Bombas de 50 quilos sendo carregadas para os aviões de bombardeio, pela guarnição de terra



O gigantesco guindaste que levanta um dos poderosos tanques M-4 de 30 toneladas. Note-se o canhão de 75 mm., de longa alma e tiro rápido, e agora em ação na África



Uma peça de 16 polegadas para a marinha, é polida a mão, num dos últimos estágios da produção em massa desses formidáveis canhões para os grandes navios



A "niveladora" — nome dado pelos artilheiros a esta formidável torre no corpo de uma Fortaleza Voadora. Pilotos alemães e japoneses de aviões de caça temem e fogem ao mortífero alcance destes possantes canhões

(continuação)

do presidente. Mas os países axiais ocultaram cuidadosamente de sua imprensa, as cifras que pudessem revelar ao povo a verdadeira magnitude de tal programa. Poucos meses haviam decorrido, e os interpretes oficiais já estavam omitindo completamente qualquer alusão ao plano Roosevelt. A razão era evidente. Em Maio, a indústria de aeroplanos norte-americana alcançava a produção de 4.000 aviões, somente nesse mês. Em Outubro, já estava prestes ao objetivo de 5.000 aparelhos, mensalmente, ou sejam 60.000 por ano. A despeito da escassez de aço, resultante do vasto programa armamentista, os construtores navais e as indústrias pesadas de armamentos entravam no último trimestre do ano, faltando completar apenas menos de 10 por cento de seus respectivos programas. A maquinaria da produção havia sido estabelecida tão rapidamente, que a quantidade percentual produzida poderia até ser reduzida, a-fim de permitir a adoção de melhoramentos que garantissem melhor qualidade do produto, como no caso de aviões, em matéria de autonomia de vôo, ou quanto ao seu maior poder ofensivo e a chapas protetoras mais eficientes.

O fato é que, graças ao esforço e habilidade de milhões de operários, o país havia se transformado em gigantesco arsenal.

"A nossa tarefa é árdua, advertiu o presidente em mensagem ao Congresso. Nossa tarefa não tem precedentes e o tempo é curto."

Uma legião de engenheiros, desenhistas, construtores e mecânicos começou a atacar, no país inteiro, os vários trabalhos de construção que a expansão industrial exigia. E começaram a surgir novas fábricas.

"Temos de forçar ao máximo todas as possibilidades de produção de armamentos, havia dito à nação o presidente, em sua mensagem. "Temos de adaptar todas as fábricas e ferramentas disponíveis para a produção de guerra. Isto se refere tanto às maiores como às menores fábricas; desde a enorme indústria de automóveis, até a modesta oficina de ferreiro de aldeia."

Fábricas grandes e pequenas espalhadas por todos os Estados Unidos, empresas que durante muitos anos haviam produzido apenas para os tempos de paz, adaptaram-se para a produção de guerra.

Essa transformação industrial não se fez da noite para o dia, como num passe de magia. Desde 1932 que o Departamento da Guerra já havia dividido o país em 13 districtos, com sedes instaladas nas cidades mais importantes. Quando chegou o momento oportuno, todas as providências foram imediatamente tomadas para fazer os pedidos de material, aos milhões, a numerosos fabricantes. E nessas sedes adrede preparadas, elementos militares cooperavam com os industriais e inspecionavam a produção.

"A vitória demanda armas de guerra e os meios para transportá-las a numerosos pontos de combate," havia dito o presidente.

Assim, o maior trabalho foi encontrar meios de transportar o material bélico; urgia conseguir navios em grande quantidade. Mas não havia ainda transcorrido nove meses desde que o Presidente apelára para uma produção sem precedentes, quando a indústria de construção naval pôde dar conta do que estava fazendo. Em Setembro último, de seus estaleiros foram lançados ao mar 93 navios, num total de 1.009.800 toneladas — o equivalente a quasi o total do ano todo de 1941. Estava assim realizado o plano de três navios por dia. Em Outubro produzia-se nos Estados Unidos armamentos em maior quantidade do que a produção reunida de todos os países do Eixo. Mesmo assim, ainda não era o suficiente:

"Não basta," disse o presidente, "para nós e as Nações Unidas, produzir armamentos e munições em quantidade ligeiramente superior à produzida pela Alemanha, Japão e Itália e as indústrias de que se apoderaram nos países ocupados. A superioridade da produção das Nações Unidas tem de ser extraordinária, e a tal ponto que as nações do Eixo não possam nunca jamais alimentar a esperança de alcançá-la."



Neste grupo de operários, na ocasião de mostrarem seus cartões de identificação à entrada de uma fábrica de aeroplanos nos Estados Unidos, vêm-se quase tanto mulheres que homens. Miss Bobby Frase, que está passando pelo portão, bem caracteriza a mulher que agora se dedica ao trabalho de guerra. Antes, era ela manequim de casa de modas; resolveu trabalhar no escritório da fábrica e fazer um curso de soldagem, à noite, habilitando-se, assim, para um trabalho geralmente feito por homens



Miss Modell Taylor trabalha como rebitoradora de folhas de metal numa fábrica de aviões. Miss Dossie Deeds (em baixo) é outra perita no mesmo trabalho. Ambas só recentemente aprenderam o ofício

OBREIRAS DA VITÓRIA

DES lares, escolas e colégios e da indústria civil, nos Estados Unidos, o elemento feminino está afluindo, aos milhões, para os labores bélicos de que o país necessita.

Nos estabelecimentos fabris, arsenais, na indústria de automóveis e fábricas de munições, a mulher se encontra atualmente como diligente operária, trabalhando em máquinas, rebitando, soldando e inspecionando as armas destinadas às tropas nas frentes de batalha.

Esse concurso da mulher verifica-se tanto nas cidades como nos campos. Nos serviços de transportes e comunicações, assim como em hospitais, na defesa civil, na administração federal e estadual e nas próprias forças armadas, a mulher está assumindo encargos de responsabilidade.

Hoje, mais de 3.500.000 mulheres trabalham nas fábricas que fazem tanques, aviões, canhões, granadas e suprem os estaleiros que constroem navios de guerra para as Nações

Unidas. Ao fim de 1943, mais de um quinto dos 30.000.000 de operários que agora trabalham nas indústrias de guerra — ou sejam 6.000.000, aproximadamente — serão mulheres que, de "overalls" e gorros protetores, irão impulsionar a produção bélica.

Mais 6.000.000 de mulheres já estão ativas na defesa civil, na Cruz Vermelha e em organizações como a Liga de Segurança Nacional e corpos de enfermeiras. Outras 3.500.000 dedicam-se a funções administrativas federais, estaduais e municipais no país inteiro. E até fins do ano próximo, unidades auxiliares do exército e da marinha irão ainda absorver mais 300.000 mulheres.

Na maioria, as indústrias de guerra encontram na mulher uma auxiliar excelente para qualquer trabalho, exceto aqueles que demandam grande força física. A operária é útil especialmente em trabalhos leves, mas que exigem precisão de movimentos aguda ob-



Soldar o mostrador do depósito de gasolina de um avião requer bastante habilidade. Mas esta operária, Nellow Robbins, é perita



Dorothy Bobbitt verifica que trabalhar com uma broca automática é muito diferente do seu trabalho anterior como cabelereira elegante



(continuação)

servação. Quanto ao trabalho de máquina, não é necessário muito tempo para instruir eficientemente qualquer operária, em seu manejo. Nas fábricas de aviões, mulheres estão construindo seções de asas, fuselagens, montando trens de aterrissagem, painéis de instrumentos e de controle das bombas. Nos arsenais e fábricas de munições, trabalham como rebadoras e soldadoras.

Em algumas indústrias, 75 por cento do trabalho é feito por operárias. Em um censo realizado no país, verificou-se que das 623 ocupações mecânicas, apenas 57 eram completamente impróprias para mulheres.

Em engenharia, algumas mulheres têm alcançado lugares de grande projeção. Uma se destaca como desenhista de destroyers para a marinha dos Estados Unidos. Outra desenha aviões. Um dos mais hábeis pilotos de provas é uma mulher, assim como é ainda outra mulher, de 28 anos de idade, que se tem especializado em experimentar modelos de para-quedas, saltando de aviões a grandes altitudes. Para a entrega de aviões do exército, das fábricas às bases aéreas situadas nos Estados Unidos, há um corpo auxiliar de mulheres-pilotos.

Cinco grupos femininos já foram incorporados no serviço das forças armadas norte-americanas, e breve mais outros grupos serão criados. Tanto o exército como a marinha têm o seu corpo de enfermeiras e de pessoal auxiliar, também feminino, para serviço ativo nas linhas da retaguarda. No exército e armada, o serviço de mensageiros, telefonistas e radio-telegrafistas, motoristas de caminhões e outros afazeres nas repartições militares, estão sendo confiados a mulheres. Cada uma delas, nesses postos, representa um homem a mais que pode incorporar-se às forças combatentes.

Quanto à defesa civil, há corpos auxiliares femininos para atender ao serviço de bombeiros, policiamento e de vigias contra assaltos aéreos. Muitas mulheres dirigem ambulâncias e têm se preparado para as emergências dos primeiros socorros. Tanto na Cruz Vermelha, como no Serviço Voluntário de Mulheres Americanas, Liga Feminina de Segurança Nacional e outras organizações congêneras, as voluntárias alistam-se para o serviço permanente ou apenas para parte do tempo. Trabalham como enfermeiras, motoristas, secretárias e auxiliares. Em algumas dessas organizações, as voluntárias devem ser boas atiradoras e saber dirigir caminhões de 7½ toneladas. Uma vez incorporadas, recebem instrução elementar militar, de primeiros socorros, mecânica de motores, leitura cartográfica e tiro ao alvo. A participação da mulher no esforço de guerra está tomando incremento tanto nos Estados Unidos como nas demais nações do hemisfério. A Comissão Feminina Interamericana, que se reuniu em Novembro, em Washington, tratou de várias medidas a serem adotadas e que ficarão assim confiadas diretamente ao elemento feminino.



Julia Messonier, que faz parte do Corpo de Voluntárias, ajuda um coletor de ferro velho durante a campanha levada a efeito no país inteiro e cujos resultados, de muito excederam a todas as expectativas



A Sra. Nell Hummel, engenheira de uma fábrica de aviões, tem a seu cargo as importantes provas realizadas num tunel aeronáutico



Shirley Ingalls e **Martha** Potter verificam as condições meteorológicas, antes de pilotarem o seu avião escola. Mulheres pilotos estão participando do patrulhamento aéreo a cargo da aviação militar e naval



Em companhia de sua mãe, Jackie Shea, de 5 anos de idade, lê a carta que o pai lhe escreveu, dois meses antes de sua morte em combate, no sul do Pacífico

Órfão DE GUERRA

O COMANDANTE JOHN J. SHEA, da Marinha dos Estados Unidos, foi visto pela última vez lutando contra as chamas a bordo de um navio de guerra no Pacífico, e o comunicado oficial deu-o como "desaparecido." Dois meses antes, havia ele escrito esta carta ao seu filho Jackie, de 5 anos de idade:

"Querido Jackie:

Esta é a primeira carta que escrevo diretamente ao meu filhinho, e sinto-me orgulhoso por saber que já a podes ler sózinho. Se não compreenderes algumas palavras, deve ser porque não escrevi claramente. Estou certo de que mamãe te ajudará na leitura.

Foi pena que esta guerra não pudesse ter sido retardada por mais alguns anos, porque assim poderia eu crescer novamente contigo e fazer todas as coisas que planejei para quando já pudesses ir estudar na escola, como os outros meninos.

E quando já fores um pouco mais crescido, has-de saber a razão porque papai não está mais sempre em casa. Como sabes, somos uma grande nação e temos ideais a respeito de como devem os povos viver e gozar suas riquezas e como cada um nasce com iguais direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade. Infelizmente, há certos países no mundo, onde os homens não têm tais ideais, onde um menino não pode crescer para ser o que ele quiser, com oportunidades ilimitadas para ser um grande homem, um grande sacerdote, um estadista, um médico, soldado ou homem de negócios.

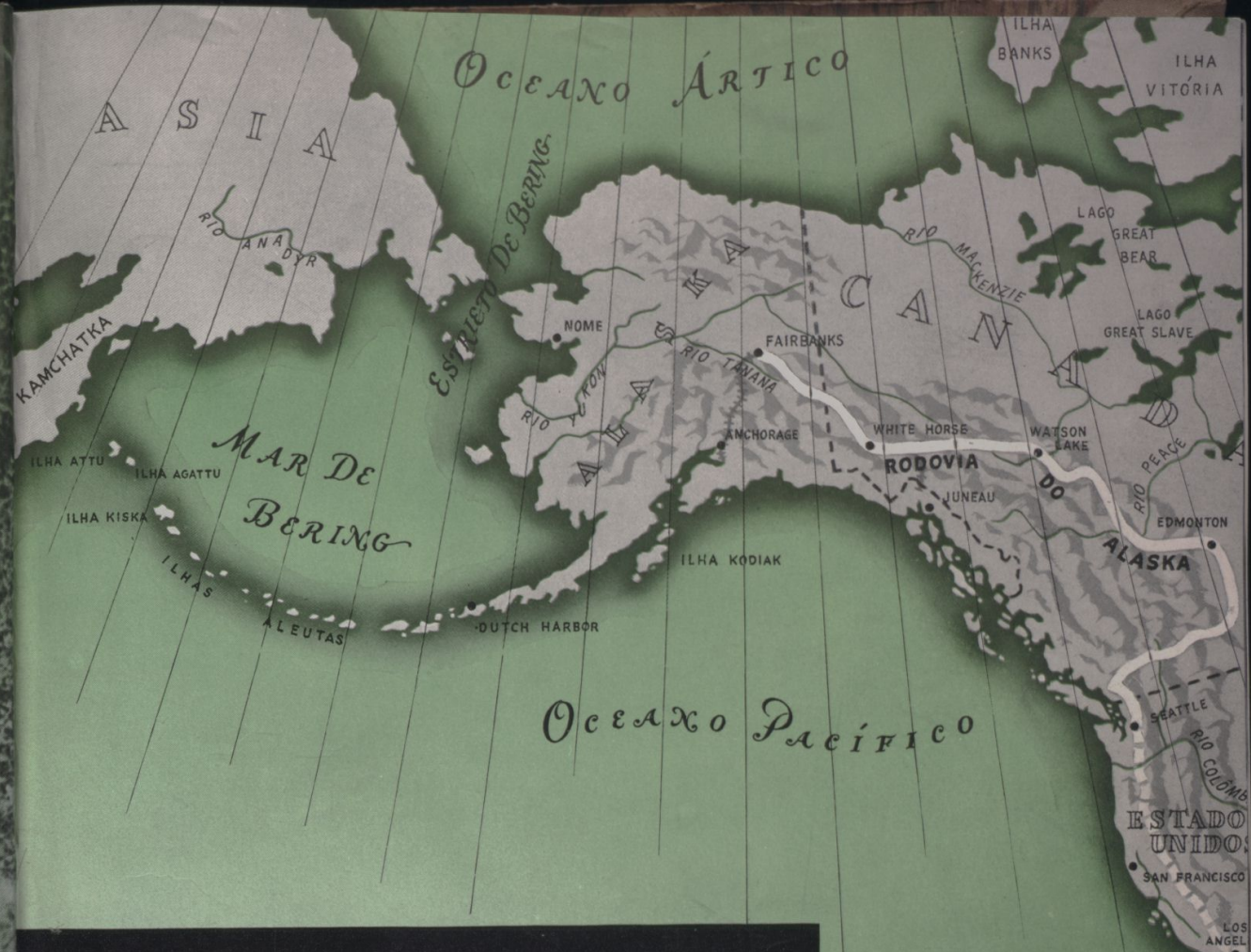
Lutar pela defesa da nossa pátria, nossos ideais, lares e nossa dignidade, é uma honra e um dever que papai tem de desempenhar antes de voltar. Nunca desanimes, nem nos esportes nem nos negócios ou na tua profissão, quando fores crescido. Estuda o mais que puderes, Jackie. Fica sempre perto de mamãe e segue sempre os seus conselhos."



O comandante John J. Shea, que pereceu quando o seu navio foi ao fundo, durante uma recente batalha naval



A nova estrada do Alasca, em seu percurso por montes, vales e pântanos, é protegida por montanhas que formam uma barreira contra possíveis ataques



A Fortaleza do NORTE

A nova Rodovia do Alasca que se vê no mapa, abre uma via de comunicação a uma base vital no Pacífico. O ponto terminal ao sul liga com o sistema rodoviário dos Estados Unidos que, através da Califórnia, por sua vez faz ligação com a Rodovia Panamericana, em Laredo

O EXÉRCITO dos Estados Unidos acaba de completar o seu maior projeto de engenharia, desde a construção do Canal do Panamá, preparando-se assim para atacar o Japão.

O exército construiu uma gigantesca rodovia—2.690 quilômetros de estrada sobre montanhas, através de pântanos e das mais densas florestas da América do Norte—para transportar armas e abastecimentos dos Estados Unidos para os postos avançados do norte do Alasca.

Esta primeira via terrestre para o extremo noroeste do continente é uma rodovia que se estende da ponta dos trilhos da via-férrea canadense, em Dawson Creek, Alberta, à ponta dos trilhos da estrada de ferro do Alasca, em Fairbanks—distância equivalente à de Colon a Lima. Foi construída em menos de sete meses por 10.000 soldados e 2.000 civis, tendo sido aberta ao tráfego do exército em fins de Outubro último. Com a rodovia em completa operação, o transporte de canhões, tanques, munições,

tropas e abastecimentos que costumava chegar ao Alasca em viagem marítima de oito dias, pode, em caminhões, tornar-se uma torrente através da nova estrada, em 80 horas. A remessa de abastecimentos por terra estava aliviando a pressão nos transportes marítimos. A estrada é protegida contra ataques aéreos procedente do Pacífico, por uma série de montanhas, em alguns lugares com mais de 5.000 metros de altitude. Fairbanks, o ponto terminal ao norte, é o local de uma das maiores bases aéreas dos Estados Unidos. Outros aeródromos encontram-se entre pantanais e florestas ao longa da rodovia.

O Alasca foi comprado à Rússia em 1867. Hoje é o contato geográfico entre a Sibéria russa e os Estados Unidos. A vasta e variada área do Alasca—suas ilhas, geleiras, montanhas, numerosas enseadas e portos—é pela sua situação a chave da estratégia do norte do Pacífico. Sustentada firmemente pelos Estados Unidos, pode ser uma ponte militar entre hemisfério ocidental e a Ásia. Da mes-

ma maneira, oferece ao Japão a mais tentadora possibilidade para um ataque em direção oposta. Fairbanks fica a apenas 15 horas de voo de Tóquio, Berlim, Pearl Harbor ou Nova York. Está a apenas 15 horas de voo de Leníngrado. A costa do Alasca e as Ilhas Aleutas ficam ao longo da via mais curta em direção ao Japão, da costa oeste dos Estados Unidos. Dutch Harbor, a base situada na Ilha de Unalaska, é capaz de conter a esquadra norte-americana inteira do Pacífico, e centenas de seus aviões. Está a apenas 2.700 quilômetros da grande base naval japonesa de Paramushite e a 4.300 quilômetros do porto de Yokohama e do centro industrial do Japão.

Os trabalhos da rodovia do Alasca só começaram em Março deste ano, quando o corpo de engenheiros do exército enviou suas tropas para a região e começou a preparar os acampamentos e instalações necessárias. Duas bases principais de construção foram estabelecidas—uma em Dawson Creek e outra em White Horse, no Yukon, onde uma via-férrea



Em estratégica posição num corte da montanha, entra em ação a guarnição de uma peça de artilharia americana. O Alasca é a tualmente uma fortaleza



Após um dia de intensa atividade, soldados norte-americanos da guarnição do Alasca repousam em suas barracas que, no inverno são aquecidas por meio de fogões

(continuação)

de bitola estreita faz a ligação com o mar, a 175 quilômetros de distância. Os trabalhos foram começados logo que as máquinas de construção chegaram a Dawson, mas a tarefa principal só teve início em fins de Abril, devido às condições locais causadas pelo degelo.

Nas primeiras semanas dos trabalhos com rumo ao norte, o frio havia congelado rios e pântanos, facilitando assim a jornada para os maquinismos pesados. Depois vieram as chuvas da primavera, que transformaram grandes áreas em verdadeiros alagadiços. Durante o verão, o pessoal foi perseguido por nuvens de mosquitos. O "muskeg" da zona sub-ártica — vegetação em decomposição nos pântanos — frequentemente impossibilitava a passagem de homens e máquinas. Parte do traçado da estrada seguia através de uma região inexplorada dos Montes Rochosos canadenses. Mas o maior percurso da mesma estende-se por matas a dentro.

Enormes tratores, movendo-se sobre sapatas-esteiras e dotados de prós de ferro, avançavam incessantemente pela mata, derrubando árvores, afastando-as para os lados, limpando o mato rasteiro e nivelando o terreno. Lenhadores abateiram milhares de sabugueiros e pinheiros, abrindo a picada e reservando madeira para construção. Toras eram empregadas para construir sólidas passagens através dos pântanos e para a construção de pontes sobre o curso de rios e riachos.

A estrada é larga bastante para facilitar o mais intenso tráfego de auto-caminhões e reboques. Seu custo está calculado, sem confirmação oficial, em 50 milhões de dólares. Seu valor estratégico e possível contribuição para o futuro econômico do noroeste americano é muito maior.

O Alasca, defensivamente, é um baluarte que flanqueia qualquer ataque direto japonês na costa norte-americana do Pacífico. Forças japonesas que tentassem tal ataque, arriscar-se-iam a serem aniquiladas e cercadas pelas forças aéreas e pela esquadra dos Estados Unidos, convergindo para o sul, procedentes de suas bases no Alasca.

Ofensivamente, o Alasca é a base aérea mais vantajosamente situada no Pacífico. Fica a 1.400 quilômetros mais perto de Yokohama do que Pearl Harbor. Da Ilha Unalaska, o grupo das Aleutas alcança a 1.100 quilômetros, as ilhas japonesas Kurilas. Os japoneses conseguiram ocupar pequeno trecho de uma ilha remota das Ilhas Aleutas, onde têm sido sujeitos a constantes bombardeios aéreos.

As condições de vôo na mór parte do Alasca são consideravelmente melhores do que ao longo de muitas rotas aéreas dentro dos Estados Unidos. A temperatura média na área de Dutch Harbor é de zero centígrado, e a média, no verão, é de 12,2. Há algum nevoeiro, mas é menos, por exemplo, do que em Halifax, na área do Atlântico.

Antes de romper a guerra na Europa, os Estados Unidos mantinham apenas duas guarnições militares, num total de 300 homens, em todo o Território do Alasca. Desde então, milhares de trabalhadores civis e milhares de soldados têm sido enviados para o Alasca. Portos têm sido dragados. Quartéis, hangares e bases para canhões têm sido construídas em todo o território. Amplas bases navais e muitos aeródromos têm sido construídos. Durante os dois últimos anos, o Congresso votou uma verba de 150 milhões de dólares para armar o território — com melhores bases militares, navais e aéreas em Sitka, Ancho-bases militares, navais e aéreas em Sitka, Anchorage, Kodiak e Unalaska, e expandindo os re-

A grande base aérea de Fairbanks é servida diretamente pela nova estrada. O Alasca, que era um posto avançado isolado, passou a ser agora um formidável ponto estratégico no Pacífico.



O capitão Ira Wintermuth (de jaqueta grossa) e seu navegador, tenente Paul Perkins, verificam cuidadosamente o mapa, antes de levantar vôo para atacar as posições japonesas na Ilha de Kiska, no extremo do grupo das Aleutas



Os bailes de sábado e domingo, no clube, são a atração extraordinária depois duma semana de serviço

Os Combatentes DIVERTEM-SE

QUER se encontrem nas linhas de frente espalhadas pelo mundo, ou nos campos de instrução nos Estados Unidos, seus soldados e marinheiros sempre encontram oportunidade para se divertir. Cinema, programas de rádio, bailes, festividades e jogos diversos, são alívio aos monótonos exercícios, aos longos dias a bordo e à saudade causada pelo isolamento em lugares distantes. Os divertimentos oferecidos aos soldados são organizados por verdadeiros profissionais.

A mór parte dessa incumbência de manter a soldadesca de bom humor cabe à U. S. O. (United Service Organizations), associação formada há dois anos pelas seis maiores entidades que se dedicam ao bem estar das tropas. A U. S. O. recebeu mais de 32 milhões de dólares em contribuições para proporcionar festividades, diversões e todo conforto aos soldados de folga, no corrente ano.

A organização organiza bailes em seus 507 clubes situados no país. Distribue entradas para teatros, jogos esportivos e mantém várias bibliotecas e cafés, não somente nos clubes, como em salões especiais nas estações de estrada de ferro, para os soldados itinerantes. Assistentes voluntárias estão sempre a postos para serzir meias, concertar uniformes ou facilitar o encontro de parentes e amigos.

Muitas cidades grandes dispõem de suas próprias organizações especiais para minorar os rigores da vida de um soldado em tempo de guerra. Nova York tem a sua Comissão Recreativa de Defesa, que já tem distribuído mais de um milhão de entradas grátis para os teatros da Broadway, e organizado inúmeras festividades e bailes. Os astros de Hollywood estão constantemente fazendo *tournées* pelo país, e contribuindo pessoalmente com o seu concurso para a distração dos soldados.

Nos campos de instrução e por trás das linhas de batalha, teams de baseball e football entram em atividade regularmente. Partidas de box também são um passatempo predileto. E os programas de rádio completam a farta variedade tais distrações.



Os esportes são uma forma predileta de diversão para os combatentes norte-americanos. Aqui estão cadetes numa base naval aérea na Flórida treinando no box



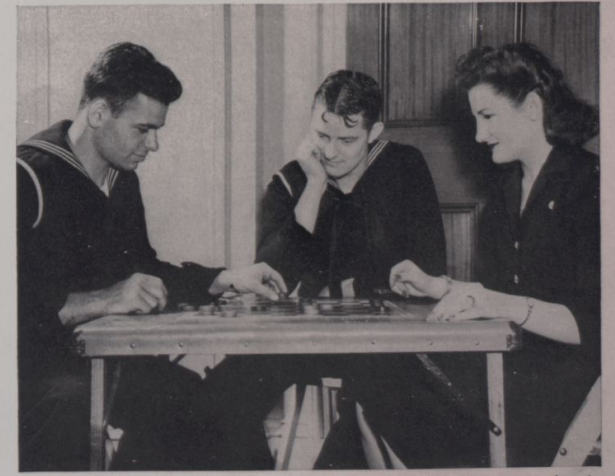
Todo acampamento do exército tem um clube e todo clube tem o seu piano que é a atração dos cantores. Dentre os soldados há sempre elementos para uma orquestra



Em fôda parte encontram os soldados serviços organizados para proporcionar-lhes tudo de que necessitam. Aqui vemos uma cantina em Nova York, mantida por atores



A bibliotéca é um dos lugares bastante concorridos em qualquer clube. Livros aos milhares, assim como jornais e revistas, são doados para manter uma coleção variada



Janto os militares como seus parentes e pessoas amigas são sempre bemvindas no clube, onde o programa de diversões tôdas as noites é variado e interessante

Paz para o Povo

A NOVA ÉRA EM QUE SE SOLIDIFICARÃO AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

APÓS a guerra, virá a paz. Tanto o Eixo como as Nações Unidas já delinearam o novo mundo pelo qual estão se batendo.

Na arrogância de Goebbels, afirmando que a Alemanha estava conquistando territórios apenas "para organizá-los para nós, alemães", segundo a doutrina nazista; no saque sistemático aos recursos agrários da França e da Europa Central; nas penas de morte contra centenas de reféns e nas ruínas de Rotterdam, Lidice, Nanking e Addis Abeba, as nações do Eixo já revelaram ao mundo a promessa de que, si vencerem a guerra, todos os demais povos irão viver sujeitos à fome, pobreza e escravidão.

Através da declaração de adesão à Carta do Atlântico, as Nações Unidas assumiram perante o mundo, o compromisso de que:

"Seus respectivos países não procuram nenhum engrandecimento territorial ou de qualquer outra natureza;

Não desejam se realizem modificações territoriais que não estejam de acordo com a vontade livremente expressa pelos povos atingidos;

Respeitam o direito de todos os povos de escolher a forma de governo sob a qual haverão de viver; e desejam a restituição dos direitos soberanos e da independência aos povos que deles foram despojados pela força;

Com devido respeito às obrigações existentes, empenhar-se-ão para que todos os Estados, grandes ou pequenos, vencidos ou vencedores, tenham acesso, em gualdade de condições, ao comércio e às matérias primas do mundo, necessárias à sua prosperidade econômica;

Desejam dar cumprimento, no terreno econômico, à mais completa colaboração entre todas as nações com o fim de conseguir para todos melhores condições de trabalho, prosperidade econômica e segurança social.

Depois da destruição completa da tirania nazista, esperam se estabeleça uma paz que proporcione a todas as nações, os meios de subsistir em segurança dentro de suas próprias fronteiras e que garanta a todos os povos da terra uma existência livre de medo e de privações;

Essa paz permitirá a todos a liberdade dos mares; Acreditam que todas as nações do mundo, por motivos realistas e espirituais, deverão abandonar o emprego da força. Visto não ser possível manter a paz futura, se os armamentos de terra, de mar ou do ar continuarem a ser empregados pelas nações que ameaçam ou possam ameaçar de agressão fóra de suas fronteiras, acreditam que, enquanto não se estabelecer um sistema mais amplo e permanente de segurança geral, é essencial de-
armar tais na-

ções. Comprometem-se também a prestar auxílio e estimular tôdas as demais medidas práticas tendentes a aliviar os povos pacíficos do pesado fardo dos armamentos."

A escolha entre os dois planos de paz — o do Eixo e o das Nações Unidas — está ao alcance de qualquer um, em tôda parte. O homem do povo concorda com o Vice-Presidente Wallace, quanto a ser a guerra mais que uma luta entre diferentes potências — é uma Revolução do Povo, com o fito de destruir a tirania e abolir a pobreza no mundo inteiro. E mesmo enquanto se encontra a luta em definitivo progresso, medidas estão sendo tomadas para assegurar a paz que é o ideal das Nações Unidas.

O SISTEMA de acordos de empréstimos e arrendamentos que os Estados Unidos estão firmando com outras Nações Unidas, é um passo para se estabelecer um intercâmbio pacífico universal. Esses acordos combinam medidas práticas necessárias para a prossecução cotidiana da guerra, com planos mais extensos para o fortalecimento da paz vindoura. Por um lado, os acordos de empréstimos e arrendamentos facilitam a remessa de material bélico para outras nações, de maneira mais fácil e direta; e, por outro, estabelece as bases para um mais vasto e mais livre intercâmbio de mercadorias depois da guerra, por isso que nos acordos se especifica que as condições de pagamento serão "tais que não sobre-carreguem o comércio entre os países, mas que sirvam antes para promover, mutuamente, relações econômicas vantajosas entre os mesmos."

Líderes dos Estados Unidos já têm afirmado que consideram errada a política sobre as dívidas internacionais da época entre 1920 e 1930. Os acordos de empréstimos e arrendamentos abrem a porta para uma nova era, na qual os governos concordam em aceitar crescente quantidade de mercadorias e assistência, em vez de dinheiro, em pagamentos internacionais. As nações que cometeram aquele erro no passado — e entre essas se acham os próprios Estados Unidos — estão verificando que, de maneira a assegurar a paz e a justiça internacional, todos quantos pretendam exportar no mundo de após-guerra, terão de aceitar em pagamento, não somente as mercadorias do mundo, como também assistência.

Os acordos de empréstimos e arrendamentos congregaram os países signatários num esforço comum para aumentar a produção, o emprego, a troca e consumo de mercadorias úteis. As Nações Unidas concordaram acerca da necessidade de eliminar tôdas as formas de tratamento discriminatório em matéria de comércio internacional, por meio da redução de tarifas e de outras barreiras ao co-

mércio. Homens de visão, líderes tanto na luta de hoje como na de amanhã, acentuam o fato de haver a humanidade, finalmente, conseguido alcançar um conhecimento da técnica da produção e do transporte, que torna possível produzir e distribuir os produtos básicos necessários à boa saúde e à existência normal de todos os povos do mundo. Resta apenas, afirmam eles, estender e tornar permanentes os laços de colaboração internacional já em existência, de modo que as relações entre as nações sejam refeitas para o benefício de todos os povos.

Os planos para a paz que virá — uma paz que não torne negativa a guerra — seguem passo a passo com o próprio esforço bélico. O Sr. Sumner Welles, Sub-secretário de Estado dos Estados Unidos, já explicou a entrosagem dos planos de guerra e da paz, quando afirmou: "Não desvirtua o nosso esforço de guerra, nem a preocupação única de uma nação no sentido de alcançar a vitória, o fato de se pensar e planejar de antemão o mundo do futuro, no qual possa a paz ser mantida e no qual possam todos os seres humanos viver garantidos e livres de temor. Tais esforços, a meu ver, contribuem diretamente para que alcancemos o objetivo final: a vitória."

Ao apreciar a Carta do Atlântico, o Sr. Welles explicou que o compromisso pelo qual todos os Estados devem ter livre acesso às matérias primas do mundo, não quer dizer que toda nação, ou qualquer nação, possa ter a fonte de tôdas essas matérias primas dentro das suas respectivas fronteiras.

NOS Estados Unidos, a Junta de Planificação dos Recursos Nacionais está agora concentrando sua atenção num programa de após-guerra para o país, em colaboração com entidades federais e estaduais. O trabalho dessa organização, ao planificar reajustamentos e novos melhoramentos para o período posterior à guerra, é um exemplo dos resultados da cooperação dentro das fronteiras nacionais; os mesmos resultados de colaboração são possíveis em escala internacional.

A Junta apelou para intensa pesquisa nos laboratórios das universidades, empresas industriais e entidades do governo, com o fim de criar novos produtos e desenvolver novos processos. E por se tratar de um verdadeiro programa de modernização geral, a nova era que se antevê para as relações internacionais promete consolidar-se em bases de verdadeiro progresso mental e material. A compreensão das causas desta guerra abrirá o caminho para o estabelecimento de uma paz que, por ser do povo, se revestirá de todos os requisitos de humanidade. Os sacrifícios de hoje não hão-de ser em vão.

